

**O futebol nos anos de chumbo. Qual foi o peso da bola?
(Brasil, 1969 – 1977)**

Resumo

A sociedade brasileira convive com o futebol em sua cultura popular. O esporte sempre foi um campo fértil para construção de mitos para a nação. Das lendas construídas ao longo dos anos, a vitória na copa de 70 ainda é marcante. Sua utilização pelo governo militar como propaganda política é incontestável. Em contra-partida a não exposição da derrota de 1974.

O futebol sempre foi alvo de palpites e conseqüentemente, em algum momento pecou-se por falta de uma real análise dos fatos. O governo Médici, trabalhou a todo o tempo com a paixão do brasileiro pelo esporte para legitimar-se perante a críticos externos e internos. Mas não se pode resumir o período a apenas esta constatação. O futebol alimentou o governo, a política nacional-desenvolvimentista, mas não foi só do esporte que explorou resultados satisfatórios. O país passava por uma fase de grande crescimento econômico, a copa despertou um sentimento ufanista que poderia estar sendo gestado há tempo e uma hipótese a ser considerada é que a reação publica frente a essa vitoria conseguiu colocar pra fora algo que, se expressado em qualquer outro momento, havia repressão do governo. Sendo assim, aqueles que festejaram a conquista poderiam não estar tão alheios quanto pregam até os dias atuais sobre o que se passava no Brasil durante o governo Médici.

Palavras-chave: Ditadura, Regime Militar, Futebol, Copa do mundo, Identidade Nacional, propaganda, Médici

Deborah Aguiar Torres

**O futebol nos anos de chumbo. Qual foi o peso da bola?
(Brasil, 1969 – 1977)**

Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientadora: Graciela Bonassa Garcia
Coorientador: Helder Cyrelli de Souza

Nova Iguaçu

2013

Banca Examinadora

Prof^ª Dr^ª. Graciela Bonassa Garcia (Orientadora)

Instituto Multidisciplinar - DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^º. Dr^º. Álvaro Pereira do Nascimento

Instituto Multidisciplinar - DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^º. Dr^º. Jean Rodrigues Sales

Instituto Multidisciplinar - DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Agradecimentos

*“E o mundo que eu levar
Será tudo que você me ensinou
Muita garra pra lutar, honestidade
Que eu só devo ao seu amor*

*E tudo que eu ganhar
Terá sempre o seu carinho, a sua mão
Será sempre fruto desse corajoso
E enorme coração”*

Aqui, com certeza, estarão expostas as maiores referências deste trabalho. Quero poder agradecer a todos que me acompanharam e contribuíram de maneira direta ou indireta ao longo deste percurso e, peço desculpas desde já, se pela tensão do momento a memória me falhar. Acrescento que a ordem em que estarão dispostas não está correlacionada ao grau de importância ou qualquer outra coisa do tipo.

Primeiramente, a Deus devo meu agradecimento pelas provas diárias de que sem fé não se caminha. A trajetória até aqui foi permeada por uma variedade de dificuldades, mas eu acreditei e assim pude seguir adiante para a conclusão desta etapa.

Aos meus pais, que depois de muito tempo puderam ver o começo da realização de um sonho. Que me trouxeram a este mundo e me encaminharam contribuindo imensamente para esta realização. O meu agradecimento àqueles que faltam o expansionismo pra falar mas que em pequenos atos demonstraram todo seu amor. Obrigada por velarem pela minha segurança, por acreditarem e Ser por mim acima de tudo e de todos.

Ao meu Vô Leônidas, jamais esquecido. Tem gente que diz que os avós estragam os netos. Imaginem os bisas? Pois é, meu velho, você me ensinou tantas coisas que não posso cogitar a hipótese de dizer que estragou alguma coisa. Obrigado é pouco. Eu precisaria de uma palavra muito maior para poder te agradecer por tudo. Foi tu que me acompanhou desde os primeiros dias, esteve atento a todos meus desejos e me incentivou a realizá-los. Apesar de ansiar pelo teu abraço, por ver teu sorriso e seus olhos orgulhosos, eu creio que hoje você está bem perto e que a proteção que demonstrava enquanto esteve aqui, dobrou. Sem dúvida, hoje, encontro-me sob a sombra das tuas asas. Afinal que palavra seria melhor para defini-lo, senão, anjo. Aquele que zelou por mim na Terra e que hoje o faz do céu. Nós continuaremos juntos

até o fim. Seu amor foi o bem mais preciso que a vida me proporcionou. Seus ensinamentos foram de grande valia. Você faz parte do que eu sou hoje.

À minha irmã, por dividir não só um quarto comigo durante tantos anos, mas por ser minha memória viva. Obrigada por ser meu eterno teste de paciência. Eu sempre vejo que tenho que aprimorá-la. Acima de tudo, meu agradecimento maior é por ter trazido ao mundo àquela pessoinha que é a continuação da nossa família. À minha sobrinha Isabela, eu agradeço por seu amor inexplicável, pela minha renovação e pelo meu constante sorriso.

A toda minha família, que é grande demais e eu gastaria muito espaço para agradecer a cada um de maneira individual. As minhas avós, Lourdes, Cléa e Eunice sempre presentes e dispostas a ajudar. As minhas tias, Cirlene, Cleide, Jô e Rose e tios Massilon e Marinho (*in memoriam*). A todos os primos e agregados (são muitos, peço desculpas por não citar todos mas digo que lembrei de cada rostinho neste momento). Quero dizer que fazer parte dessa família muito louca me deixa extremamente feliz. O Cara lá de cima me mandou para o lugar certo pois a vida sem vocês seria bem menos alegre. Além do muito obrigada por todo apoio, quero pedir desculpas minha falta de tempo e pelas vezes que estive ausente ao longo destes anos. Sabe como é, né? A gente cresce e a vida exige coisas que não conseguimos controlar muito. O meu desejo é estar sempre perto para poder dar aquelas risadas que só saem ao lado de vocês.

Após o agradecimento a minha família, quero agradecer a outra, que é minha também. A família “da Silveira” (Blay não é sobrenome. Eu me recuso!), meu muitíssimo obrigada por me adotarem. Glória, Jorge, Raphael, Blenda e Guilherme, são sempre muito agradáveis os momentos em que estamos juntos. Aos primeiros, um agradecimento especial por terem trazido ao mundo o cara que eu escolhi pra estar ao meu lado por toda vida.

Ao Léo, pura e simplesmente pelo amor que me dedicas. É meu maior bem. Obrigada por ter me escolhido pra estar ao seu lado e por seu meu escolhido. Agradeço por toda dedicação, compreensão, força, por estar sempre ao meu lado e por algumas broncas (só pra incentivo quando necessário).

Aos amigos que fiz/escolhi ao longo da minha vida e que me trazem o prazer de dividir bons momentos. Vou iniciar lembrando do meu melhor ano, 2006, a 3003 me

proporcionou amigos pra toda uma vida. Foi neste ano que a vontade de seguir em frente foi potencializada. Vocês são a minha turma. Vocês vão ser parte de mim pra sempre. Meu muito obrigada aos melhores amigos que uma pessoa poderia ter, Adriele, Bruno, Camilla, Daiane e Juliana. A minha AM²², Lucineide, que foi meu grande exemplo. Não menos importantes são aquelas que me acompanharam desde o primeiro dia da longa caminhada na graduação. Com quem eu dividi das noites de estudo às grades de horário. Aline, Andréia e Getsemane, vocês saíram da caracterização de amigas da faculdade e passaram a integrar a classe de amigas pra minha vida. Quero agradecer por todo apoio e compreensão. Vocês são mais do que especiais.

Quero ainda agradecer ao membros do DHE e todo corpo acadêmico que contribuiu imensamente para minha formação, em especial, ao professor Álvaro por ter me proporcionado fazer parte da pesquisa com o Correio da Lavoura. Foi uma contribuição muito valiosa para minha formação acadêmica. Meu agradecimento por ter me escolhido mesmo que não fosse meu tema nem meu recorte. Agradeço ainda a FAPERJ, por ter me concedido bolsa de iniciação científica e financiado toda pesquisa que virá a contribuir imensamente para facilitação do acesso a essa fonte pelos estudantes do IM. À Malú, meu agradecimento por dividir a sala de pesquisa e tornar as tardes no IM mais agradáveis com boas conversas, risadas e café.

Depois de agradecer ao todo o corpo acadêmico, um agradecimento mais que especial vai para aquela que me aturou durante todo este tempo, minha orientadora querida, Graciela. Obrigada pelos abraços calorosos e por me acalmar nos momentos mais tensos. Quero agradecer por se propor a orientar um tema que nem era tanto a sua área e por se esforçar tanto para suprir minhas necessidades. Quero dizer que sem seus conselhos e sua dedicação este trabalho não teria ficado tão legal. E já vou pedir desculpas pelas frases de efeito que você ainda encontrar ao longo do trabalho. Prometo jamais falar para um militante que a esquerda estava anulada. Ainda prometo por fontes em todo corpo do trabalho pra não deixá-la nervosa.

Um último agradecimento e não menos importante por isso é para Hélder Cyrelli, que eu nem conheço pessoalmente, mas afirmo, com certeza, que sem seus apontamentos este trabalho não teria saído. MUITÍSSIMO obrigada por me guiar no caminho das pedras. Por me mostrar por onde seguir.

Lista de Siglas

AERP- Assessoria/Agência Especial de Relações Públicas

AI-2 - O Ato Institucional Número Dois, ou AI-2, baixado em 27 de outubro de 1965

AI-5 - Ato Institucional Número cinco, entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968,

AIE – Aparelho Ideológico do Estado

ARENA - Aliança Renovadora Nacional partido político brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar instituído a partir do Golpe Militar de 1964.

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CENIMAR - Centro de Informações da Marinha, foi criado pelo Decreto nº 42.688, de 21 de novembro de 1957, com a finalidade de obter informações de interesse da Marinha do Brasil.

CIE - Centro de Informações do Exército foi um serviço de inteligência do governo brasileiro durante o regime militar. Foi o órgão a propor a maior quantidade de censuras a material considerado subversivo pela ditadura e responsável por grande parte da estrutura da máquina de repressão do governo, tendo torturado centenas de cidadãos brasileiros.

CISA - Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica foi um órgão interno vinculado à Aeronáutica do Brasil.

DEOPS - Criada em 1924, com a função de assegurar e disciplinar a ordem no país, a Delegacia de Ordem Política e Social, como era chamada nos seus primórdios, foi instituída pela lei nº 2304 que tratava de reorganizar a polícia do Estado.

DIP – Departamento de Imprensa e propaganda Criado no Brasil em dezembro de 1939 quando Getúlio instituiu o estado Novo

DOI-CODI - O Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) foi um órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante o regime inaugurado com o golpe militar de 31 de março de 1964, os chamados "Anos de Chumbo". Cada Estado tinha o seu CODI, subordinado ao DOI, que era o órgão central.

FIFA - *Fédération Internationale de Football Association* - entidade diretora do futebol mundial.

FUNRURAL - Funrural ou Contribuição Social Rural é uma contribuição social destinada a custear a seguridade (INSS) geral. Este tributo é cobrado sobre o resultado

bruto da comercialização rural (de 2,3% a 2,85%) e descontado, pelo adquirente da produção, no momento da comercialização.

MDB - Movimento Democrático Brasileiro (MDB) foi um partido político brasileiro que abrigou os opositores do Regime Militar de 1964 ante o poderio governista da Aliança Renovadora Nacional (ARENA)

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OBAN - A Operação Bandeirantes (OBAN) foi criada em 1969 e era oficialmente composta por efetivos do Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Política Estadual, Departamento de Polícia Federal, Polícia Civil, Força Pública e Guarda Civil. Essa organização oficial recebia verbas de várias empresas multinacionais, como a Ford, a GM e outros.

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PIB – Produto Interno Bruto representa a soma (em valores monetários) de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região (quer sejam países, estados ou cidades), durante um período determinado (mês, trimestre, ano, etc). O PIB é um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia com o objetivo de mensurar a atividade econômica de uma região.

SNI - Serviço Nacional de Informações foi criado pela lei nº 4.341 em 13 de junho de 1964 com o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informações e contra-informações no Brasil e exterior. Em função de sua criação, foram absorvidos o Serviço Federal de Informações e Contra-Informações (SFICI-1958) e a Junta Coordenadora de Informações (JCI-1959).

4-3-3 – Esquema tático com quatro jogadores na defesa, três jogadores no meio-campo (com um ou dois volantes) e três jogadores no ataque (dois pontas e um atacante). Este esquema foi popular no final da década de 1960 e início da década de 1970, tendo sido usado pela Holanda na Copa de 1974.

4-2-4 – Esquema tático composto por 4 defensores, 2 meio-campo e 4 atacantes. Foi um esquema popular nas décadas de 1940 e 50.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1: As Preliminares	
1.1 A propaganda.....	19
1.2 A imprensa.....	23
1.3 A indústria cultural.....	23
1.4 Os meios de comunicação.....	24
1.5 Os aparelhos ideológicos do Estado.....	26
1.6 Os anos que sucederam o Golpe.....	28
1.7 O Governo Médici e a estrutura repressiva.....	31
1.8 A imagem e as características políticas do governo.....	33
1.9 AERP: a propaganda “oficial” do regime.....	34
Capítulo 2: Quando a mídia se apropria de certo elemento para transmissão de uma imagem: a respectiva verificação de como o fenômeno do futebol foi utilizado pelo governo como via de manipulação da massa.....	45
2.1 O Primeiro tempo: Muito mais que um esporte: um jogo inglês pra brasileiro ver.....	46
2.2 Segundo tempo: O pós-copa do mundo. Os efeitos do título e o caminho percorrido até a copa de 1974.....	63
Conclusão	70
Bibliografia.....	76

Introdução – Um bate bola com o panorama geral do esporte

A concepção referente ao futebol na década de 70 foi a do chamado “futebol-arte” e o jogador brasileiro foi considerado o grande artista da bola. A perda da copa de 1974 causou grande estranheza ao público que assistia e aguçou a crítica que já não concordavam com algumas mudanças feitas. Gilberto Freyre chegou a colocar que o Brasil tinha o futebol-arte porque conjugava fatores que eram característicos do país. Era o esporte a qual havia uma grande identificação e o jogador típico do país. Falava de origens, de identidade.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso - psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato - inimigo do formalismo apolíneo sendo dionísíaco a seu jeito - o grande feito mulato.¹

Essa origem definiu o sucesso do esporte que bateu o remo em aceitação popular, mas de início também não aceitava os negros. Anos mais tarde rendeu-se ao encanto daqueles homens de cor que faziam coisas incríveis com a bola nos pés. Enquanto o remo não parecia nada democrático quando ao porte físico a ser aceito no esporte, o futebol estava aberto a todos. Apesar do esporte ter origens inglesas, a brasilidade permitiu que “uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas” o praticasse. O futebol arte que aqui no Brasil passou-se a praticar importava-se não só com a vitória, mas em agradar a arquibancada. Seria caracterizado pela improvisação, prazer e dribles. A relação com a torcida seria de extrema importância, diferencial em alguns casos.

O jogador brasileiro é conhecido mundialmente e seu talento é exaltado. Afinal, ‘craque já nasce feito’ e ‘futebol não se aprende na escola’. Não haveria técnico capaz de instruir taticamente aquele que já nasceria com o dom. João Saldanha expressaria de forma clara essa posição ao afirmar que o treinador no Brasil não deveria ensinar

¹ FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. vol. 1. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945. pp.432

futebol, já que este seria uma arte, e "arte é talento", e talento não poderia ser aprendido em livros ou teorias².

Mesmo quando falamos de um jogo com regras preestabelecidas no qual o objetivo é ganhar, o que o brasileiro propôs é algo muito maior. Justamente o imprevisível, o artístico, fantástico, contagioso fruto da sua origem mestiça. Jogadores rígidos e treinadores muito teóricos não eram muito bem vistos.

Filpo Nunes, treinador argentino radicado no Brasil, dizia que o futebol brasileiro nunca deveria temer o europeu, "pois conta com a improvisação, a habilidade, a agilidade e a flexibilidade de seus jogadores, enquanto o futebol europeu é mecanizado"³

Nilton Santos afirmava que "uma Copa do Mundo ganha quem ama o futebol. Ganha quem tem mais intimidade com a bola. E nós somos amigos de infância de todas as bolas do mundo"⁴

O futebol foi o esporte não se associou a nossa cultura, ele passou a fazer parte dela. Fazendo com que o branco, o negro, o mestiço, o indígena, o mulato todos se identificassem. Por meio dele, o Brasil representou e foi temido no cenário mundial. No entanto, a derrota na copa de 66 assustou quem pensava o futebol como superioridade do dom sobre a técnica e a força. O jogo rápido de defesa europeu anulava o jogo do adversário. No pós 66, começou-se a pensar em aprimorar a técnica e a preparação física para que os jogadores estivessem no mesmo nível dos europeus.

Havia um estímulo político-institucional conferido pelo governo e suas agencias de propaganda para que o time pudesse chegar ao padrão de preparo europeu. A vitória em 1970 renovou a confiança e o ufanismo e retornou o sentimento de que "ninguém segura o Brasil", pois se uniu a arte aos recursos que os europeus tinham a força e a

² SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro, José Olympio. 1980 pp.122

³ PEDROSA, Milton apud GIL, Gilson in *O drama do "futebol-arte": o debate sobre a Seleção nos anos 70*. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_10.htm acessado em 02/04/2013

⁴ NETO, Araújo. (1962), *Drama e glória dos bicampeões*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor. 1962 pp.167 apud GIL, Gilson in *O drama do "futebol-arte": o debate sobre a Seleção nos anos 70*. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_10.htm acessado em 02/04/2013

técnica. Foi com o “milagre” e o objetivo de um Brasil grande como cenário de fundo que a exaltação e a apologia se estabeleceram nos anos de 1970 a 1974.

A Mini-copa em 1972 trouxe a tona questões técnicas e táticas que os jogadores precisavam melhorar, mas a vitória fez com que se mantivesse o pensamento de invencibilidade. Em 1973, a ‘habilidade’ e ‘invencibilidade’ começou a ser posta a prova durante uma excursão a Europa. A individualidade começou a subir a cabeça de alguns jogadores. Foi num contexto otimista misturado aos primeiros sinais de crise econômica que o torcedor viu o Brasil voltar pra casa com apenas um quarto lugar na copa de 1974 realizada na Alemanha onde a grande surpresa foi a seleção holandesa que apresentou ao mundo um novo esquema. O ‘carrossel’ atropelou quem passou no seu caminho. Já não podia mais se falar em 4-3-3, 4-2-4 ou qualquer distribuição numérica que fizesse referencia a um esquema. Essa nova tática de jogo onde todos atacavam e defendiam num ritmo muito rápido desarticulou qualquer teoria vigente sobre a superioridade do futebol-arte brasileiro.

O futebol moderno estava um passo a frente e nem os preparados físicos militares formados na Europa e nos EUA deram conta de fazer o futebol espetáculo continuar a frente com a agregação de técnica e preparação física. Foi um choque, uma grande ruptura. As apostas num futebol-arte impulsionado pelo governo militar como um ‘país grande’ que vai pra frente foram derrubadas. Teorias entraram em conflito, pois o Brasil não era tão moderno assim. O que o time fazia não era inovador e os demais conseguiram uma chegar a uma formula para dete-lo. Parreira e Zagallo renderam-se ao futebol holandês e afirmaram que os europeus era superiores (Jornal do Brasil, 25/6/74) ⁵.

O ‘futebol-arte’ e o ‘futebol-força’ tiveram seus adeptos, impulsionadores do ‘Brasil grande’ na economia e no futebol. Mesmo com a surpreendente Holanda vencendo o Uruguai com um esquema tático sem precedentes espantando a todos. Um momento significativo para tais projeções foi a eleição de João Havelange para presidente da FIFA em 1974.

⁵ Jornal do Brasil Disponível em <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19740625&printsec=frontpage&hl=en>
Acessado em 08/04/2013

O país entraria em um período de redefinição das representações coletivas e de um dos símbolos culturais mais populares, o futebol. O pilar do que seria 'tipicamente brasileiro' estava ruindo. O estilo de jogo começou a ser criticado. Visto como lento, ultrapassado. As discussões ultrapassaram o preparo físico como em 1966. Era preciso se pensar em um método para evoluir e superar os europeus. Não se podia mais estar preso à antiga premissa de que o Brasil era uma juventude que "ninguém poderia segurar", agora o futebol era a área onde essa desilusão poderia ser explicitada. A escolha para o cargo de treinador deveria passar por um processo mais meticuloso. José Ignácio Werneck, um influente defensor da modernização de nosso futebol, dizia que o "Brasil se esclerosou desde 1970" (*Jornal do Brasil*, 5/7/74)⁶; Luís Fernando Veríssimo reconhecia que o Brasil vivia na pré-história do futebol, "quando a bola era quadrada" (*Revista Placar*⁷).

O fracasso na Copa de 1974, não correspondeu às expectativas de inexorável invencibilidade do escrete, descrito pelo imaginário político autoritário. O fracasso adicionado ao fim da "era Pelé" e das marcas deixadas pelo "carrossel" na seleção deixou o clima de crise no futebol brasileiro. Somava-se a isso os primeiros sinais de esgotamento do "milagre econômico" brasileiro, colocando em xeque o regime político.

A própria construção de uma identidade a partir do futebol necessitou ser repensada. Muito do que era intrínseco àquela brasilidade começou a ser questionado. A mestiçagem, aquela malandragem tornou-se um obstáculo para a inserção no novo mundo, um empecilho para evolução. O que um dia foi exaltado no futebol-arte do brasileiro passou a receber críticas. Stephan Kovacs, campeão europeu e mundial com o Ajax holandês, surgiu como um dos inovadores do novo futebol e aferiu duras críticas à seleção brasileira durante a copa de 1974 por não ter acompanhado as mudanças profundas ocorridas no futebol mundial. Nossa seleção estaria ultrapassada e faltava espírito coletivo.

⁶Jornal do Brasil, 5 de Julho de 1974 Disponível em <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19740705&printsec=frontpage&hl=en> acessado em 08/04/2013

⁷ Revista Placar, Ed 1032. Março de 1990, pp.33 apud GIL, Gilson in *O drama do "futebol-arte": o debate sobre a Seleção nos anos 70*. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_10.htm acessado em 02/04/2013

Após a derrota de 1974 os princípios mudaram para conquistar uma vaga na próxima copa. Depois de duras críticas, o cargo de treinador passou a ser ocupado por alguém que fosse instruído, estudioso do esporte, poliglota. Só assim se chegaria ao progresso. Mesmo que a ideia de preocupar-se mais com a tática fosse vista com certo receio pelos brasileiros devido às tradições do futebol por aqui praticado, a modernidade agora se encontrava na intelectualidade e a evolução nos levaria a assim seguir. A relação com o futebol-arte deu uma estremeçada na busca de elevar o Brasil ao patamar dos times europeus. A rejeição pela teoria foi abolida e as críticas por basear-se mais na organização tática começaram a desaparecer. Levando a uma nova concepção do futebol onde o coletivo seria maior característica.

A busca agora era por uma reordenação, tanto dos times quanto das torcidas. O jogo seria de interdependência, trocariam posições, teria jogadas ensaiadas e o jogador seria polivalente, exerceria varias funções ao longo do jogo.

Claudio Coutinho, que veio posteriormente para substituir Brandão, era oriundo das campanhas de 1970 e 1974, mas não foi por isso que assumiu o cargo e sim por contemplar todos os pré-requisitos. Compunha o grupo dos intelectuais. Era chamado “jovem técnico estudioso”, poliglota e amplo conhecedor do esporte era o sinônimo da modernidade.

Marcio Guedes, jornalista e um dos maiores defensores da reconstrução da nossa mentalidade esportiva, apoiou essa redefinição cultural, porque "o futebol depois de 1974 seria diferente, e o futebol-arte teria que ceder diante desse novo futebol coletivo, baseado na tática, estratégia e força de conjunto" (*Jornal do Brasil*, 13/2/78) ⁸.

Alguns jogadores foram contra a nova terminologia de jogo. O ex-jogador Ademir Menezes, que em sua coluna nos jornais cariocas se posicionou contra os novos métodos: à nova "terminologia que não quer dizer nada para o jogador" e o próprio

⁸ Jornal do Brasil, 27 de Fevereiro de 1978

Disponível em

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19780227&printsec=frontpage&hl=en>

acessado em 09/04/2013

técnico da seleção, Coutinho, respondeu afirmando que "este raciocínio de Ademir Menezes atrasou a evolução do futebol brasileiro"⁹.

Para Coutinho, "o principal é definir a filosofia de jogo e termos um esquema de jogo preconcebido, e precisamos de elementos que se ajustem a ele e o façam funcionar na prática" (*Jornal do Brasil*, 27/2/78). Argumentando com o primado da tática, o técnico defendeu sua lista de convocados.

A questão da técnica e do esquema tático percorreu num impasse por toda década de 70. Em 1974, Parreira se pronunciou para reclamar do jogo lento, da falta de velocidade. O jogador que não se movimentava, ficava plantado a espera da bola. Leão, goleiro da seleção protestou durante a copa porque seus colegas não se movimentavam. A dinâmica em um campo de futebol deveria ser modificada. O jogador brasileiro precisava aprender a jogar rápido, a ter dinâmica de jogo.

O brasileiro teria de aprender a jogar com toques rápidos e objetivos, fazendo uso do corpo e, também, do intelecto na execução das jogadas, que seriam ensaiadas e definidas nos treinamentos, táticos e técnicos. Nesse momento surgiu e se consolidou a ideia do "jogar sem bola" que tantas críticas sofre até os nossos dias por parte da torcida e da crônica especializada mais ligada a nossa cultura "cordial" e artística. Essas mudanças ocasionaram grandes mudanças na mentalidade dos brasileiros em relação a sua maior paixão.

O futebol, como um esporte coletivo que foi acolhido pela cultura popular é uma grande fonte de investigação das representações coletivas em uma sociedade, no processo de construção de sua identidade. Nos anos 70, a situação vivida pelo futebol e pela seleção brasileira, mais especificamente, implicou diretamente na esfera política do país. A representação de um país mexeu com o imaginário popular. A seleção foi usada para propaganda do governo para dissipar seus projetos políticos e ideológicos. A seleção seria sinônimo de progresso do país, da sua juventude. A importância do esporte para a construção de uma identidade comum para a nação foi modificada quando o moderno e o antigo da cultura popular entraram em choque. A identificação do futebol

⁹ Jornal do Brasil 13 de fevereiro de 1978. Disponível em <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19780216&printsec=frontpage&hl=en> acessado em 09/04/2013

pela arte dos brasileiros tinha sido posta a prova frente à modernidade de um sistema onde todos ocupavam variadas posições.

O Brasil passava a ser considerado um país atrasado quando defendiam o binômio “carnaval-futebol” como o grande diferencial do país. Sendo este dupla a responsável pela grande identificação popular. O “futebol-arte”, aquele antes praticado para arquibancada vibrar e aplaudir começou a receber críticas e isso implicou em mudanças no imaginário futebolístico do Brasil. As críticas a ineficácia, a lentidão, aos efeitos e firulas desnecessárias começaram a multiplicar-se. A modernidade estava na velocidade, na ausência de posições fixas, na eficiência de um coletivo. A identidade para o futebol brasileiro continua em construção. A cada impasse com novas perspectivas, a cada escolha por seguir certo caminho, o futebol vai se remodelando.

O pragmatismo de um conflito interminável marca o processo de construção de nossa identidade. A disputa entre o novo e o velho engloba amplas questões que não só o futebol. A caracterização como “paixão nacional”, retirou do futebol um viés classista onde estavam dominantes e dominados. O sistema era igual para ambos. E durante a ditadura militar, 1964-1985, não se realizou qualquer modificação substantiva na legislação desportiva herdada do período estado-novista. Conforme Manhães, a organização das instituições e da legislação desportiva permaneceu inalterada ou sofreu apenas reparos formais ou periféricos.

De qualquer forma, independente de esforço político, das cinco copas disputadas pela seleção ao longo dos anos do regime, apenas em 1970 o Brasil sagrou-se campeão. O que nos leva a concluir que apesar de toda a estrutura de controle com o objetivo de alcançar resultados positivos para serem explorados politicamente, o esporte se preservou. O futebol vive num equilíbrio de tensões constantes e mesmo que o regime interferisse em busca de resultados, a indeterminação do jogo não permite certos controles. O regime político pode interferir, manipular, explorar, mas não consegue determinar. Por sinal, o governo tentou ao máximo explorar a estrutura corrupta e centralizadora do futebol. Porém, após a dificuldade de se manter após a copa de 1970 trouxe questionamentos sobre a eficiência dos métodos.

A conquista de 1970 fortaleceu o imaginário popular e permitiu que o Brasil se apresentasse como uma grande potência mundial, mesmo que esta não fosse uma

realidade para um país de uma forma geral. Depois do tricampeonato, o Brasil vibrou com o lema que impulsionada o regime militar: “ninguém segura este país”. “todos juntos” levaríamos o “país pra frente”. O Brasil era considerado imbatível após a vitória que também foi a despedida de Pelé da seleção. O início dos anos 70 não marcariam somente o tricampeonato, mas também a fase mais repressiva do regime.

Neste trabalho, por meio de bibliografia e com apoio de fontes primárias (Jornal do Brasil, o Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Revista Placar) busca-se elucidar questões a respeito do esporte como um mecanismo utilizado pelo governo. O recorte temporal foi feito dando ênfase no período Médici com a ditadura militar, levando em consideração as copas do mundo de 1970 e 1974 com as respectivas preparações e resultados obtidos posteriormente.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira parte, referente ao primeiro capítulo foi subdividido e faz um panorama geral com objetivo de explicar o contexto do qual estamos falando e expor o debate teórico. Portanto, trata-se de uma visão geral do Estado e seu aparelho governamental. Quais eram os instrumentos que o regime militar poderia utilizar e como o faziam para disseminar sua imagem positiva perante a sociedade.

A segunda parte traz especificamente a abordagem sobre o futebol como um possível aparelho ideológico do Estado. E observa como num contexto histórico do regime militar o esporte foi tratado e como trouxe resultados utilizados ou não pelo próprio governo para autopromoção. O capítulo está subdividido em dois para possibilitar a verificação do fenômeno ocorrido em duas copas do mundo (1970 e 1974) com seus diferentes resultados. A primeira copa, em 1970, com muitas fontes e bastante explorada porque a seleção trouxe o tricampeonato. E a segunda copa, em 1974, com menor produção e estudos mais raros visto que o time voltou pra casa apenas com o sexto lugar.

Observaremos nos capítulos a seguir quais foram os instrumentos e como foram utilizados para construção e disseminação de uma imagem positiva do regime para ‘promover’ a sensação de unidade nacional.

Capítulo 1: As preliminares:

1.1 A propaganda

Ao analisar o período da ditadura militar, mais especificamente 69-74, é inevitável destacar a importância que foi dada à propaganda, imprensa e demais meios de divulgação das ideologias governamentais. A produção literária fez com que o poder da propaganda ficasse ainda mais em evidência. De certa forma, os meios de comunicação assumiram a tarefa de ajustar política e povo¹⁰, ou melhor, de fazer com que o povo se enquadrasse num modelo político.

Quando referente aos modelos ditatoriais, a propaganda foi, sem dúvida, um artifício que visou a manipulação de grandes massas de acordo com os interesses políticos do modelo adotado visto que em um Estado autoritário, os meios de comunicação passam a ser tutelados pelo governo.

No Brasil, em 1942, foi criado por Getúlio Vargas o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda)¹¹. O órgão pode ser visto como parte da estratégia de promoção do governo ditatorial e da figura de Vargas.

O período citado acima não mantém grande diferença de abordagem do período posterior ao golpe de 1964 e com o governo Médici apontado como o regime militar que criou “um dos maiores sistemas de propaganda política de um governo autoritário da época contemporânea”.¹² O sistema criado envolvia a AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas) responsável pela propaganda oficial e setores ‘privados’ do ramo da comunicação, os quais cresceram bastante durante este período.

¹⁰ LAZARSFELD, Paul F., MERTON, Robert K. Apud MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: A Revista Manchete durante o governo Médici*. Disponível em http://www.arqanalagoa.ufscar.br/tesesdisserta/Disserta_o_de_Mestrado_Ricardo_Constante_Martins.pdf acessado em 10/04/2013

¹¹ O DIP (Departamento de Imprensa) foi criado por Getúlio Vargas em 27-12-1939, durante o Estado Novo, tendo como objetivo oficial dirigir os serviços de imprensa e propaganda nacional.

¹² FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1997. pp. 117

Um Aparelho Ideológico do Estado age “embutindo, através da imprensa (...) em todos os ‘cidadãos’, doses cotidianas de nacionalismo (...)”¹³ divulgando uma leitura do país que os militares tinham e queriam que toda a sociedade comungasse da mesma.

De acordo com autores que estudaram o período, o governo Médici significou um momento de reestruturação do governo e de poder dos militares.¹⁴ O governo agia com o objetivo de manter uma coesão de forças e aumentar a sua base de apoio. Para isso atuou no campo da repressão política e usou como artifício a propaganda ideológica.

Como o foco deste trabalho são as copas do mundo de 1970 e 1974, os apontamentos sobre o governo do General Emílio Garrastazu Médici são de suma importância já que o mesmo é quem esteve no poder de 1969 a 1974 no Brasil, período que engloba os mundiais sinalizados anteriormente. O futebol no período do governo Médici foi utilizado como meio para incorporação de uma ideologia do Estado militarizado, contribuindo de maneira eficaz para que este governo buscasse conquistar uma hegemonia em torno do modelo de desenvolvimento do regime militar que colhia, naquele momento, os frutos de uma filosofia de Estado implantada com o golpe de 64.

Médici, enquanto esteve no poder, fez questão de disseminar sua leitura da sociedade e ideias entre o povo. O general, que por diversas vezes, associou o ‘milagre econômico’ a forma de governo adotada após o Golpe de 1964, enfatizando a necessidade de um governo autoritário para dar continuidade ao processo de desenvolvimento, não esqueceu a força do futebol. Médici fez uso das conquistas trazidas pela seleção e propagou uma ligação contundente entre forma de governo e as alegrias que o futebol proporcionava ao povo. Dentre os fatos mais importantes utilizados como plataforma para o governo esteve a conquista da copa do Mundo de 1970.

A propaganda política e ideológica foi uma grande aliada dos governos nos anos de Regime Militar. Provavelmente, era esse o setor encarregado de substituir a

¹³ Conceito de Louis Althusser in *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1970, pp. 63. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/95798450/Althusser-Louis-Ideologia-e-Aparelhos-Ideologicos-de-Estado#download> acessado em 10/04/2013

¹⁴ CRUZ, Sebastião C. Velasco e, MARTINS, Carlos Estevam. *De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da “abertura”*. In: SORJ, Bernardo, ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. (org): *Sociedade e política no Brasil pós-64*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. pp.40.

visão da forte ligação entre repressão policial e política e governantes, fazendo com que assim o regime/governante tivesse uma maior aceitação. A propaganda política e ideológica, a cargo da AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas) mantinha sob suas amarras os meios de comunicação estatais e também os não estatais (televisão, rádio, jornais, revistas etc.).

O governo fez uso de órgãos não estatais com objetivo de evitar o não uso da AERP como instrumento de propaganda explícita do regime. A questão é que, segundo Fico¹⁵, não era unânime a opção pela criação de um órgão de propaganda pelo governo militar. Havia certo temor de que se estivesse criando um órgão que se assemelhasse ao DIP de Getúlio Vargas. Para Fico, o DIP foi uma proteção da ditadura de Vargas e a AERP não deveria manter qualquer semelhança com o antigo sistema governamental. Porém, Médici pretendia ter sob seu comando um aparelho que disseminasse uma imagem positiva do governo.

O conceito de ideologia nos remete a um conjunto de ideias, uma construção que guia um grupo social. Essas ideias veem da própria realidade na qual os indivíduos estão inseridos. Como já abordado por Marx em sua obra *Ideologia Alemã*, "deve se explicar as formações ideológicas a partir da práxis material"¹⁶

Para Marx, a ideologia é um refletor de ideias e valores de uma classe social dominante:

As ideias da classe dominante são, em cada época as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante, as ideias nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as ideias de sua dominação.¹⁷

Para que os objetivos do governo pudessem ser alcançados, os esforços do regime estavam voltados para que se mantivesse uma coesão de forças e aumentassem sua base de apoio. Para isso, operavam fundamentalmente no campo da repressão política e da propaganda ideológica.

¹⁵ FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997. pp.89-90

¹⁶ MARX, ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1986. pp.56.

¹⁷ CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense pp. 35

Na sociedade civil, as classes procuram ganhar aliados para seus projetos através da direção e do consenso. Já na sociedade política as classes impõem uma "ditadura", ou por outra, uma dominação fundada na coerção.

Segundo Gramsci, as esferas distinguem-se por materialidades próprias. Enquanto a sociedade política tem seus portadores materiais nos aparelhos coercitivos de Estado, na sociedade civil operam os aparelhos privados de hegemonia (organismos relativamente autônomos em face do Estado em sentido estrito, como a imprensa, os partidos políticos, os sindicatos, as associações, a escola privada e a Igreja). A ditadura, ou dominação, poderia ser um grupo não hegemônico que domina a sociedade através da coerção devido à operacionalidade do aparelho de Estado.¹⁸

A realidade no período Médici não caminha junto com o conceito exposto. As práticas coercitivas não foram utilizadas apenas para potencializarão de um governo autoritário. Era um complexo muito maior onde se fazia uso do aparelho propagandístico associando propaganda oficial e ‘não oficial’ para promoção de uma imagem que tinha como missão transmitir a sociedade uma ideologia. Tornando aqueles receptores favoráveis as práticas políticas efetivadas pelo governo. O governo do General Médici se destaca entre as demais ditaduras, pois nele podemos identificar um dos maiores sistemas de propaganda política.

A coerção não foi um método exclusivo do governo para por em prática os objetivos político-econômicos da ditadura militar. A propaganda sim foi um grande artifício para alcance das massas e para colocá-las em um consenso para apoiar seu projeto de "desenvolvimento".

O país, apesar do autoritarismo político, passava a imagem de uma economia em crescimento. O objetivo era que a sociedade compreendesse que o crescimento vertiginoso estava intimamente ligado ao autoritarismo político, aos pulsos fortes do governo. Pretendia que os meios de comunicação fossem o elo de ligação direto com as classes médias e alguns setores populares. Os pilares do regime para construção de um “Brasil grande” eram a “segurança e o desenvolvimento”. O governo necessitava “motivar a vontade coletiva”¹⁹.

Como já apontado anteriormente, os militares no poder se utilizaram da propaganda política para fazer chegar ao país enquanto necessidade “nacional”,

¹⁸ MORAES, Dênis de. *Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural* Disponível em ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12933/902/com_7_notas_sobre_o_imaginario_social_e_hegemonia_cultural.doc acessado em 02/04/2013

¹⁹ FICO, Carlos. Op cit., pp. 94.

coletiva, a implementação e manutenção de um modelo de desenvolvimento que excluía, em termos de benefício material, a maior parte do povo brasileiro.

1.2 A imprensa

O fato era que o governo exercia um forte controle/pressão sobre os meios de comunicação que conseqüentemente, em sua maioria, tendiam a apoiá-lo. Diversas ‘facilidades’ foram oferecidas e o Estado colaborou para implementação de toda uma infraestrutura tecnológica que beneficiaria o desenvolvimento dos sistemas de telecomunicações, que mais tarde viria a ser utilizada pelo setor privado. Desta maneira, o governo, oferece para depois beneficiar-se, com mecanismos para manipulação da cultura do país.

Nesta teia de relações, os órgãos membros desta rede de comunicação governamental agiram de maneira fundamental na coesão entre os setores da sociedade brasileira almejada pelo regime.

1.3 A Indústria Cultural

A disseminação dos meios de comunicação estava em seu auge. A discussão sobre a atuação destes e sua respectiva importância mantinha-se, não podendo desvincular-se da questão dos processos de dominação de classe, já que, de certa maneira, estavam sob tutela do governo e o conteúdo emitido serviria para legitimar o regime. Tal conteúdo estaria revestido de uma cultura/ideologia dominante.

Por sua vez, ao receberem concepções de mundo formuladas e já acabadas pelos intermediadores do governo, as camadas populares acabam tolhidas do direito ao desenvolvimento de uma consciência própria. Não se trata de concluir que as massas populares "assimilam" totalmente as informações recebidas através dos meios de comunicação²⁰; cabe, no entanto, observar que elas tendem a incorporar práticas que são exteriores às suas realidades e necessidades.

Adorno também afirma que, “através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência; jamais a ordem por ela transmitida é confrontada

²⁰ Ver LAZARSFELD, Paul F., MERTON, Robert K. *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1997. pp 241.

com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens.”²¹ Objetivando o conformismo, há a perpetuação da realidade que interessa à classe dominante, que tem nos meios de comunicação de massa um instrumento poderoso de manipulação e controle ideológico.

A dominação técnica progressiva se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.²²

Dada a estrutura montada pelo governo, percebe-se a importância dos meios de comunicação no processo de reprodução das relações sociais. Em uma sociedade de consumo, a cultura tende a se tornar mercadoria e conseqüentemente carrega intrinsecamente características que auxiliam na reprodução de um modelo capitalista que integra de forma autoritária, padronizando/uniformizando valores.

1.4 Os meios de comunicação

Os meios de comunicação inseridos em uma sociedade capitalista influenciam de forma significativa a opinião pública e são de certa maneira, refletores dos setores que os controlam.²³ Os financiadores desses meios acabam impondo/disseminando diariamente ideias e valores que caminham vinculadas aos seus interesses econômicos, políticos e sociais através dos meios de comunicação. Ferramentas se transformam em meios de manutenção do *status quo*. A indústria cultural trabalha com o objetivo e atingir e influenciar as classes populares e não para essas classes.

Geralmente, os conteúdos, estão as características de *conformismo e passividade* quando se trata da relação com os receptores dessas mensagens. Com uma sequente desestimulação do raciocínio, a apatia acaba prevalecendo, quase sempre. As artimanhas utilizadas pelo governo objetiva criar junto à opinião pública uma atmosfera de paz, tranquilidade e esperança; sendo assim, o senso crítico ao invés de despertado, é prevenido ou mesmo coibido. A mensagem recebida pelo povo pode conferir legitimação do modelo vigente e prestígio.

Ainda segundo Paul F. Lazarsfeld e Robert K. Merton,

²¹ ADORNO, T. *A Indústria Cultural*. São Paulo: Ática, 1977. (Grandes Cientistas Sociais). pp97

²² Idem pp.99.

²³ LAZARSELD, Paul F., MERTON, Robert K. op. cit

Tanto a experiência comum quanto a pesquisa comprovam que o prestígio social de pessoas ou políticos sociais começa a elevar-se quando elas dispõem de uma imagem favorável nos meios de comunicação.²⁴

Os autores afirmam que:

Os meios de comunicação de massa , vêm involuntariamente canalizando as energias dos homens para um conhecimento passivo, em lugar de uma participação ativa. Devem ser incluídos entre os narcotizantes sociais mais respeitáveis e mais eficientes.²⁵

Nesta relação sociedade/receptora e meios de comunicação/transmissores, é entendido pelo primeiro que as mensagens transmitidas são emitidas por um grupo de especialistas, merecendo credibilidade e respeito dos leigos. Induzidos a aceitar aquilo que lhes é passado, conseqüentemente, a sociedade legitima essa situação. Com essa premissa percebe-se a importância do controle dos meios de comunicação por parte dos grupos que visam o exercício da dominação social frente às classes que possuem nível de instrução restrito. Como no caso da realidade brasileira durante o período de regime militar,

Na medida em que a chamada cultura de massa constitui uma tendência homogeneizadora que se sobrepõe às diferenças reais, fundadas numa distribuição desigual do trabalho, da riqueza e do poder... todo problema da dinâmica cultural se projeta na esfera das ideologias e tem que levar em consideração seu significado político.²⁶

Nas palavras de Nelson Werneck Sodré, não há como dissociar a imprensa no Brasil do desenvolvimento da sociedade capitalista:

O controle dos meios de difusão de ideias e de informa es - que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido -   uma luta em que aparecem organiza es e pessoas da mais diversa situa o social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspira es.²⁷

O autor ainda esboça preocupa o em rela o ao poder da imprensa e domina o das massas. Visto que esta atua o   potencializada pela estrutura capitalista que a envolve. Para Sodré,

²⁴ LAZARSELD, Paul F., MERTON, Robert K opcit. pp. 25-26

²⁵ Idem

²⁶ DURHAM, E. *A dinâmica cultural na sociedade moderna*. Arte em revista, São Paulo: Kairós, n.3, pp.14,1980.

²⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, s/d. pp.1.

É fácil avaliar a terrível força da engrenagem que se compõe de agências de notícias, agências de publicidade e cadeias de jornais e revistas, sua influência política, sua capacidade de modificar a opinião, de criar e manter mitos ou de destruir esperanças e combater aspirações. Quando se verifica que essa gigantesca engrenagem é simples parafuso da engrenagem maior a que pertence, do capitalismo monopolista, ainda mais fácil é estimar o seu alcance e poder.²⁸

Até o presente momento do trabalho, a proposta deste trabalho foi elaborar um panorama sobre a situação e importância que os meios de comunicação podem ter quando utilizados como instrumentos de dominação, pois portam e transmitem ideologias que traduzem concepções de mundo específicas e que, por vezes, tornam-se concepções de parte ou da totalidade de uma sociedade. A partir deste panorama geral, passaremos a análise proposta sobre a utilização do futebol como ferramenta de propaganda do governo para manipulação e omissão da real situação que o país vivia e sua complexidade. A realidade que o governo tentava promover contou com uma forte e ampla disseminação feita pelos meios de comunicação. O esporte poderia vir a ser comparado com um AIE (Aparelho Ideológico do Estado) devido ao mecanismo utilizado pelo Estado durante o Regime Militar visando a criação de uma atmosfera pacífica associada ao modelo político vigente no país

1.5 Os Aparelhos Ideológicos de Estado

Um Aparelho Ideológico de Estado* é caracterizado por agir de forma a embutir na população através “da imprensa, da rádio, da televisão em todos os 'cidadãos', doses cotidianas de nacionalismo...”²⁹ A aproximação entre os meios de comunicação e o governo produziu uma propaganda aliada. Vinculados oficialmente ou não, o conteúdo que era produzido por tais meios beneficiava o governo e construía convenientemente a imagem política que o governo necessitava. Porém, deve-se considerar que nem todos os órgãos trabalhavam nos moldes oficiais mesmo sob as amarras da censura, fato que ocorreu devido a não incorporação dos ideais militares por alguns setores da comunicação. Levando isso em consideração, pode-se concluir que o que faz de um órgão um AIE é sua forma de atuação no processo.

²⁸SODRÉ, op.cit. pp. 6.

* Conceito de Althusser para AIE: Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. In ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1970, pp. 43. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/95798450/Althusser-Louis-Ideologia-e-Aparelhos-Ideologicos-de-Estado#download> acessado em 10/04/2013

²⁹Idem, pp. 63.

Poulantzas diferencia a ação dos Aparelhos Ideológicos da ação do Aparelho Repressivo do Estado, visto que o último age "principalmente" pela repressão, ao passo que os Aparelhos Ideológicos colocam-se em uma pluralidade e agem "principalmente" pela "elaboração e inculcação ideológicas".³⁰ Tais características não são excludentes em ambos.

A função da ideologia no Estado Militar é tentar manter a coesão e garantir uma dominação política. Os aparelhos ideológicos se encaixam contribuindo para disseminar uma ideologia que objetiva paralisar a sociedade mantendo-a de forma que agrade a quem governa. O AIE ajuda na propagação da hegemonia de ideologias de grupos dominantes fazendo com que uma ideia torne-se dominante e faça com que esse grupo dominante exerça certa autoridade conferindo hegemonia sobre os demais grupos.

Ainda assim, há de se considerar que não se deve analisar o Estado e os Aparelhos Ideológicos da mesma maneira nos casos dos Estados de exceção (como se pode caracterizar o Estado brasileiro no período Médici). Isso porque quando nesta situação, gozam de certa autonomia com relação à sociedade civil. Na busca pela hegemonia, ocorre grande modificação nessa relação do Estado e os aparelhos principalmente no que toca a questão da autonomia. Por isso, não devemos analisá-los de maneira semelhante nos Estados de exceção da mesma forma que se os analisa sob outras formas de Estado capitalista.

Quando se trata do Estado de exceção, há um aumento da repressão física, fato ligado ao aparelho repressivo, que utiliza o aparelho ideológico para conseguir alcançar sua legitimação. Torna-se necessário a elaboração e divulgação da ideologia pelo Estado para que possa ampliar seu controle. Portanto, em Estados de exceção, a atuação dos aparelhos ideológicos torna-se cada vez mais importantes para legitimar o regime ditatorial e o aumento da coerção física decorrente dele.

O governo Médici se empenhou para justificar o autoritarismo político como se o mesmo estivesse intrinsecamente ligado ao fato responsável pelo surgimento e manutenção do "milagre econômico", vivenciado principalmente nestes anos. Durante este intervalo de tempo, o futebol foi uma ferramenta extremamente importante para o governo e sofreu influências diretas do modelo vigente.

³⁰ POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e ditadura*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978. pp.322

Mais adiante, à luz dessas hipóteses, será buscada uma melhor compreensão sobre a atuação do esporte, mais especificamente o futebol, no período em questão.

1.6 Os anos que sucederam o golpe

Após o golpe, a intervenção militar na vida da sociedade se fortaleceu. O governo atuou ou sobrepuôs-se a praticamente todas as esferas da sociedade brasileira.

Jamais, em qualquer época, a instituição militar esteve tão diretamente envolvida com as atividades de repressão política. Mais do que isso, as Forças Armadas, naquele espaço de tempo, detiveram, soberanas, o monopólio da coerção político-ideológica.³¹

Com a promulgação de uma série de Atos Institucionais que foram impostos pelo regime, iniciou-se uma mudança radical na política do Brasil posteriormente ao golpe. Aos poucos, os militares foram suspendendo a participação política do Poder Legislativo e do Judiciário objetivando ampliar a esfera do Poder Executivo. Logo de início, o “Comando Revolucionário” (composto principalmente pelos militares que lideraram o golpe) romperia com qualquer compromisso democrático e concederia poderes ilimitados ao presidente da República. Trabalhariam com a intervenção nos movimentos populistas de esquerda para que gradualmente pudessem promover a ‘restauração da ordem interna e aumentar o prestígio internacional do nosso país’.³²

Quando questionada a legitimidade do regime político nascido de um golpe, os militares limitavam-se a afirmar que:

A Revolução é um movimento que veio da inspiração do povo brasileiro para atender às suas aspirações mais legítimas: erradicar uma situação e um Governo que afundavam o País na corrupção e na subversão.

No preâmbulo do Ato que iniciou a institucionalização, do movimento de 31 de março de 1964 foi dito que o que houve e continuará a haver, não só no espírito e no comportamento das classes armadas, mas também na opinião pública nacional, é uma autêntica revolução. E frisou-se que:

a) ela se distingue de outros movimentos armados pelo fato de que traduz, não o interesse e a vontade de um grupo, mas o interesse e a vontade da Nação;

³¹ D’ARAÚJO, Maria, SOARES, Gláucio A. C., CASTRO, Celso. *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. 1.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. pp.10.

³² Ver Ato Institucional Número 1, Disponível em http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_2.htm acessado em 14/04/2013

b) a revolução investe-se, por isso, no exercício do Poder Constituinte, legitimando-se por si mesma;

c) edita normas jurídicas sem que nisto seja limitada pela normatividade anterior à sua vitória, pois graças à ação das forças armadas e ao apoio inequívoco da Nação, representa o povo e em seu nome exerce o Poder Constituinte de que o povo é o único titular.³³

Em 11 de abril de 1964 assumia o primeiro militar após o golpe, foi o então Chefe do Estado Maior do Exército e coordenador da conspiração militar que derrubou Goulart, general Castelo Branco, apoiado pela esmagadora maioria dos golpistas civis e militares. Dentre os objetivos do governo Castelo Branco estava reorganizar a ordem econômica na sociedade e seu respectivo sistema financeiro, amenizar a dívida externa e retirar de cena os grupos organizados de esquerda. Em outubro de 1965, o governo baixou o AI-2, extinguindo os partidos políticos e dificultando a organização da oposição. O sistema passaria a ser bipartidário representado pelo MDB (partido da oposição "consentida") e pela ARENA (partido do governo).

Uma nova carta constitucional foi imposta em 1967, ampliando o poder do Executivo em detrimento dos demais. As eleições para presidente da República passavam a ser indiretas. A Constituição apresentava os Atos Institucionais impostos até então pelo regime. Ainda há implementação da Lei de Imprensa e da Lei de Segurança Nacional, com base no aumento do não cumprimento da Lei 1802 de 1953, que regulava, mas não de acordo com o pensamento militar, preocupado cada vez mais com as questões relativas à ordem interna e com a necessidade de dar ao Estado instrumentos eficazes de autodefesa³⁴.

Para fins de esclarecimento, o Governo Castelo Branco teria, portando entregado aos governantes futuros instrumentos de poder que seriam utilizados de maneira arbitrária. O consentimento de grandes poderes ao Executivo neutralizou qualquer tentativa de contestação ao regime pelas vias legais.

Com a Carta outorgada em 1967, o governo tentou a legitimação. Porém, aos poucos, o que se pode ver foi ditadura pura e simples com poucos disfarces de normalidade. Os períodos de funcionamento do submisso Congresso Nacional eram

³³ Ver Ato Institucional Número 2, Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-02-65.htm acessado em 02/04/2013

³⁴ CRUZ, Sebastião C. Velasco e, MARTINS, Carlos Estevam. Opcit. pp. 23. Ver também DREIFUSS, René Armand, DULCI, Otávio Soares. "As Forças Armadas e a política". In: SORJ, Bernardo, ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. *Sociedade e política no Brasil pós-64*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. pp. 90.

cada vez mais esporádicos. Ainda assim, num desses períodos de funcionamento, houve a tentativa do governo de uma espécie de “legitimação autoritária”³⁵ através do Legislativo. O governo tentou insinuar que mesmo com a intervenção militar, o sistema funcionava normalmente.

O Ato Institucional número 5 veio efetivar o golpe fatal dado pelo regime militar em seus opositores. O famoso e temido AI-5, do fatídico dia 13 de dezembro de 1968, promulgado pelo presidente Arthur da Costa e Silva fortaleceu o regime e tirou qualquer chance de abertura a liberdade democrática. Tal Ato teve como consequência uma série de manifestações de variadas frentes de oposição à ditadura que vinham aumentando desde o início de 1968.

O cenário político no qual culminou a edição do AI-5 era de tensão o que não favorecia muito o governo. *O golpe dentro do golpe*. Em decorrência disso, as forças governamentais entenderam que só poderia se combater a oposição com fortalecimento do autoritarismo. O ambiente de levantes contra o governo sugeriu sua incapacidade para controlar as manifestações e precedeu a decisão castrense de outorgar o ato.

O Ato Institucional número 5 concedeu plenos poderes ao presidente da República para prosseguir com sua política, punindo e perseguindo àqueles que viessem a contestar o governo. O Ato serviu como instrumento arbitrário do governo e suspendeu qualquer garantia civil em nome da guarda e respeito à “Segurança Nacional”. O AI-5

Abolia, por prazo indeterminado, os limites constitucionais antepostos à ação governamental. Dali para diante, o presidente passava a ter à sua disposição, um formidável arsenal de poderes excepcionais, ficando autorizado a: 1) decretar o recesso do Congresso e demais casas legislativas; 2) decretar intervenções em estados e municípios; 3) cassar mandatos eletivos e suspender direitos políticos de qualquer cidadão; 4) remover, aposentar ou reformar quaisquer titulares de cargos públicos; 5) decretar o estado de sítio e fixar seu prazo de duração; 6) decretar o confisco de bens; 7) suspender garantias constitucionais referentes às liberdades de reunião e de associação; 8) estabelecer a censura da imprensa, da correspondência, das telecomunicações e das diversões públicas³⁶.

³⁵ REIS, Fábio Wanderley. *Os Partidos e o Regime*: a lógica do processo eleitoral brasileiro. 1.ed. São Paulo: Símbolo. 1978. Prefácio.

³⁶ CRUZ, Sebastião C. Velasco e, MARTINS, Carlos Estevam. Op. cit. pp.37.

A ditadura civil-militar se viu munida de instrumentos para ampliar a repressão sobre a sociedade e legalizar inclusive suas práticas coercitivas, como a censura, por exemplo, legislando em causa própria amparada pela Lei posteriormente a institucionalização do AI-5. Em março de 1969, associações negativas aos atos e decretos estavam proibidas. Ainda neste mês houve a criação do curso de Educação Moral e Cívica para que as gerações futuras fossem menos sensíveis a ideias ‘subversivas’.

1.7 O governo Médici e a estrutura repressiva

O governo do general Emílio Garrastazu Médici, visto como mais autoritário e linha dura do período da ditadura civil-militar brasileira, se institui neste cenário de poder. A repressão política foi um traço característico de seu governo, fator que decorreu da autonomia concedida anteriormente aos órgãos que faziam parte de todo este aparelho repressivo do Estado.

Ao final da década de sessenta, o Estado brasileiro teve todo seu sistema repressivo reformulado. Além dos centros de informações das forças militares do Estado, O CIE (Exército), CISA (Aeronáutica) e CENIMAR (Marinha). No período do General Médici havia ainda os CODI (Centro de Operações de Defesa Interna) com os Destacamentos de Operações e Informações (DOI), os DEOPS e ainda contou no início com a OBAN³⁷ (Operação Bandeirantes) que obteve certo destaque dentro da estrutura repressiva e gozou de certa autonomia devido a sua composição heterogênea (civis e militares). O grupo tinha como função atacar os grupos armados de oposição. Essa perseguição se dava de maneira extremamente violenta. Para Maria C. D'Araújo, "sua filiação institucional ambígua assegurou-lhe carta branca para agir e impunidade para seus atos."³⁸ Os Centros de Operações de Defesa Interna (CODI), surgiram para potencializar a capacidade de ação. O objetivo era trabalhar para coordenar as ações dos vários órgãos que integravam o ‘sistema’, evitando contratempos entre os órgãos. Dentre as funções do CODI estavam:

³⁷ A Operação Bandeirantes (OBAN) foi criada em 1969 e era oficialmente composta por efetivos do Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Política Estadual, Departamento de Polícia Federal, Polícia Civil, Força Pública e Guarda Civil. Essa organização oficial recebia verbas de várias empresas multinacionais, como a Ford, a GM e outros.

³⁸ D'ARAÚJO, Maria Celina. Op.cit. pp.17.

fazer o planejamento coordenado das medidas de defesa interna, inclusive as psicológicas, controlar e executar essas medidas, fazer ligação com todos os órgãos de defesa interna, coordenar os meios a serem utilizados nas medidas de segurança.³⁹

O governo, de certa forma conseguia abster-se de responder por alguns dos órgãos que compunham seu sistema, pois não havia um comando centralizado onde aparecesse um responsável direto pelos atos repressivos.

Os anos em que Médici esteve à frente do país como líder do governo foram marcados por constantes manifestações da luta armada e, conseqüentemente, pelo uso do sistema repressivo para o combate daqueles que eram chamados de inimigos ideológicos do regime.

Apesar da tentativa de manter uma imagem externa de um corpo militar efetivo e coeso, dentro dos próprios quartéis existiam tensões, levantes contra a hierarquia e desavenças ideológicas. Deve-se considerar que foi um fato relevante e característico a falta de coesão interna das Forças Armadas - que colaborava para essa relativa autonomia das instituições repressivas no período Médici.

Dentre as três forças castrenses, o Exército foi a que exerceu maior comando em todo o processo, pois apesar da subordinação individual de cada centro de informação, o DOI-CODI estava diretamente ligado ao comando do Exército. O 'sistema' e a comunidade de informações, fazem parte de um plano bem articulado que procurou não só controlar a oposição armada, mas também controlar e direcionar a própria sociedade.⁴⁰

O sistema e todo aparelho repressivo tão bem montado e duramente utilizado pelo regime conferiu ao governo Médici uma liderança forte e teve números expressivos na quantidade de opositores do regime desaparecidos, torturados e mortos. O AI-5 respaldou o regime e abriu caminhos para uma repressão 'legalizada'. Ainda herdou do governo Costa e Silva uma conjuntura econômica muito favorável.

³⁹ Ibidem

⁴⁰ Idem.

O combate com repressão à luta armada, legalizado e justificado pelo AI-5 somado ao sucesso obtido no setor econômico, devido ao grande crescimento médio da economia fato iniciado no governo Costa e Silva que teve a conjuntura favorável herdada por Médici, são elementos fundamentais na compreensão do governo Médici e suas respectivas singularidades quanto a outros governos militares.

1.8 A imagem e as características políticas do governo

Uma imagem significativa foi criada junto à sociedade civil que destoava do que realmente vinha se efetivando. O período Médici, em comparação com outros governos militares representou, no cenário político, um momento de tranquilidade e estabilidade, porém, em contrapartida, o governo fazia pleno uso do AI-5 para tolher ‘legalmente’ a oposição através da repressão e da censura. O regime, ainda colhia os louros do que conhecemos como ‘milagre econômico’ exaltando uma imagem engrandecida do país e seus governantes. Sem deixar passar o fato de que o governo fez uso da conquista do tricampeonato mundial de futebol em 1970, fator que viria a completar os elementos que compunham o cotidiano do "país do futuro".

A posse de Médici é caracterizada por uma nova estrutura, uma nova sistemática de poder o que permite uma melhor compreensão sobre a ‘autonomia’ concedida pelo governo aos órgãos que atuavam no combate à luta armada e o consequente aumento da repressão neste período.

A eleição de Médici foi vista pelos militares com as características a seguir:

- a) foi tomada pelo estrato superior da burocracia militar (os generais de 4 estrelas);
- b) obedeceu a critérios burocráticos de hierarquia e representação corporativa;
- c) impediu o risco maior para o Exército como burocracia dominante: sua desagregação pela proliferação de tendências e facções, que o predomínio da tendência nacionalista e a cristalização de uma oposição acarretariam;
- d) implicou, portanto, numa conciliação entre correntes do Exército.⁴¹

O governo Médici foi marcado, de uma maneira geral, pela questão do fortalecimento do poder do Estado, coeso e burocratizado, sua prioridade maior foi fornecer base para sustentação do crescimento econômico, ao mesmo tempo em que

⁴¹ CARDOSO, Fernando Henrique. *O modelo político Brasileiro e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1973. pp.78

fortaleceu e uniu o sistema repressivo das Forças Armadas no combate à luta armada dos grupos de esquerda. As políticas vão estar pareadas com as vontades de sua base de apoio.

O Estado tinha uma necessidade básica, fazer chegar à sociedade uma leitura da realidade que os governantes tinham. O objetivo era dar crédito ao Estado autoritário e conferir a ele responsabilidade pelo ‘milagre econômico’. A ordem interna estava ‘garantida’ graças à intensa repressão que impedia as manifestações da oposição⁴². Para conseguir seu objetivo, divulgar seus feitos, Médici usou constantemente os meios de comunicação visando criar uma imagem positiva ao mesmo tempo, mantinha a imprensa sob seu jugo por meio da extrema censura. Sendo assim, o presidente impossibilitava qualquer divulgação de fatos que destoassem da imagem do Brasil. Foi dessa maneira que o general tentou passar naquele momento a imagem de um governo eficiente e de imenso sucesso.

A AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas) e os meios de comunicação privados foram instrumentos para que Médici pudesse atingir o objetivo de se comunicar com a sociedade.

1.9 AERP: a propaganda ‘oficial’ do regime

...formei [na AERP] a convicção do que podem realizar os verdadeiros homens de comunicação se quiserem colocar seu trabalho a serviço da construção de um grande país.

Octávio Costa, chefe da AERP no governo Médici.

A AERP (Assessoria/Agência Especial de Relações Públicas) foi criada em 1968 durante o governo Costa e Silva, tendo como objeto a centralização dos órgãos relacionados à propaganda do governo. A assessoria foi mais acionada durante o governo Médici. Seu quadro era composto basicamente por sociólogos, psicólogos e jornalistas.

A AERP serviu para suprir a necessidade que o governo tinha de fundamentar um meio de comunicação direto com a sociedade civil com objetivo de veicular uma imagem positiva da cúpula, visto que em pesquisas de opinião pública constatava-se uma imagem que não agradava aos governantes desde o início da ditadura. Para a cúpula castrense, a sociedade brasileira não era bem informada sobre o trabalho que os

⁴² DROSDOFF, Daniel. *Linha dura no Brasil- o governo Médici (1969-1964)*. São Paulo: Global, 1986.

militares vinham fazendo após a "Revolução". Para tentar a reversão desta imagem negativada do regime, era necessário diálogo entre o governo e a sociedade. Deveria, portanto, ser feito um processo de esclarecimento da população para que houvesse uma 'real compreensão' das benfeitorias realizadas pelo governo, dando fim à impopularidade do regime militar.

Como os apontamentos anteriores, a criação da AERP não foi uma questão apoiada por todos dentro do círculo governamental, tendo em vista que o órgão poderia se assemelhar fazendo uso de uma tática propagandista já antes utilizada, a exemplo está o governo de Getúlio Vargas com a utilização do DIP (Departamento de Imprensa).

Apesar da tentativa e da negação de associação com o DIP, algumas temáticas acabaram sendo semelhantes. Segundo Fico,

muito embora os chefes da AERP (...) negassem constantemente qualquer semelhança com o DIP e se empenhassem em não fazer propaganda exaltando os líderes militares, a verdade é que os temas de congraçamento racial, do caráter positivo do povo, do trabalho, da solidariedade e outros... estavam presentes na propaganda do Estado Novo. Mesmo a ausência de propaganda personalista- sempre apresentada como prova da diferença entre a AERP e o DIP- deve ser vista também de outro ponto de vista: seria muito difícil sustentar um tipo de propaganda num veículo como a TV. A maior diferença entre a propaganda do DIP e da AERP está, aliás, na questão técnica.⁴³ Inicialmente, a chefia da AERP foi entregue ao coronel Hernani d'Aguiar, homem próximo do presidente Costa e Silva, e que participou do grupo que definiu inicialmente quais seriam os objetivos da AERP: Motivar a vontade coletiva para o esforço nacional do desenvolvimento.⁴⁴

A agência foi criada conforme o decreto de 15 de janeiro de 1968, que versava sobre reformulações na presidência da República. Em sua origem, era uma assessoria do governo e não foi classificada como órgão criado para "Serviço Nacional". Quando referente aos objetivos do órgão, é possível concluir que além de tentar projetar uma imagem positiva do governo, caberia a ela também estabelecer, publicar fatos rotineiros que pudessem despertar o interesse público.

Segundo Carlos Fico, com relação à AERP,

⁴³ FICO, Carlos. Op.cit. pp. 89.

⁴⁴ Ver FICO, Carlos. Op.cit.

não se pode falar de um projeto de propaganda política muito claro - como o foi o projeto de criação do SNI - ou que empolgasse da mesma maneira os militares. Aquilo que, para os setores letrados e críticos da sociedade, parecia um arranjo de propaganda muito bem estruturado resultou, na verdade, de algumas iniciativas pessoais ou setoriais, não contando em muitos casos com a simpatia de vários grupos da oficialidade.⁴⁵

Para o autor, a propaganda promovida pela AERP não se caracteriza apenas como resposta aos movimentos de protesto que insurgiam contra o regime neste momento, ainda que estes movimentos tivessem aumentado após 1968 com a sua criação.⁴⁶

Hernani d'Aguiar foi o idealizador da estrutura essencial, mas foi com Octávio Costa seu sucessor, no comando que o órgão obtém sucesso na aceitação pública. O fato ocorre devido à conjuntura do momento. Há um crescimento econômico que beneficia a economia interna e no contexto externo, há baixa no preço do petróleo e aumento dos investimentos feitos no Brasil (principalmente dos EUA). Tal situação propiciou a divulgação de uma imagem positiva do governo.

O coronel Octávio sofreu com o descrédito dos militares que ocupavam os cargos de comando do sistema repressivo em relação à propaganda construída pela AERP. Sua visão era diferenciada quando a questão era pensar o combate à oposição armada durante o governo Médici. Para Octávio Costa, o processo repressivo a partir de 68 deveria ser conciliado com uma maior comunicação entre o governo e a sociedade para que se tentasse amenizar através da propaganda as tensões criadas. Contudo, a 'linha dura' das Forças Armadas rejeitava este tipo de proposta de ação governamental, vendo na repressão algo muito mais eficaz para combater a oposição. Nas palavras de Costa,

Não achava que a repressão fosse o único caminho. Estava convencido de que uma campanha de comunicação que substituísse os valores da violência pelos valores da compreensão, do amor ao país, de desarmamento de espíritos, poderia contribuir, ainda que em pequena escala, para que a situação se normalizasse (...)⁴⁷

O coronel, como mostrado na nota acima, ao conceder uma entrevista a Carlos Fico, aponta que a propaganda que o governo disseminava não era dotada apenas de

⁴⁵ FICO, Carlos. Op.cit. pp. 93.

⁴⁶ FICO, Carlos. Op.cit. pp. 92.

⁴⁷ Costa, 197-d: 156. apud FICO, Carlos. Op.cit. pp.95.

caráter político. Fico acaba corroborando com o discurso ao demonstrar que a propaganda trabalhava para se desvincular da imagem de uma assessoria pública política. O conteúdo era aparentemente desprovido de conotação política. De acordo com Costa "a arte de comunicar não é a arte de vender a imagem ótima de um governo, mas a arte de apresentá-la verdadeira".⁴⁸

O governo não admitiria pelos motivos já expostos que a ditadura estava fazendo propaganda política. Constatando, portanto, essa diferenciação marcada entre o DIP e a AERP. A propaganda da AERP objetivava principalmente amenizar o ambiente de tensão vivido entre o governo Costa e Silva e o início do governo Médici, criando conseqüentemente uma ilusão de atmosfera de consenso em torno do "desenvolvimento" econômico daquele período ou, mais especificamente, sobre "milagre econômico". Podemos perceber que a propaganda política pensada e disseminada pela AERP pode ser caracterizada de certa forma como uma possível tentativa de "propaganda política despolitizada".⁴⁹

Segundo Fico, apenas baseando-se em campanhas de fundo "cívico e educativo",

a propaganda governamental pretendia se passar por inofensiva, de utilidade pública, o instrumento criador de uma atmosfera da paz, de concórdia, algo que soava enigmático vindo de um regime autoritário: 'a comunicação (...) está voltada, principalmente, para o estímulo a um estado de espírito'.⁵⁰

A propaganda oficial do regime tentava levar uma palavra de concórdia, de amor; os críticos do governo estavam a serviço da discórdia e do desamor - espalhavam tristeza.⁵¹

O autor ainda não acredita originalidade das ideias de Brasil contidas na propaganda produzida pela AERP. As qualidades naturais, composição étnica de seu povo, etc, já eram ideias que pertenciam ao imaginário popular e fariam o Brasil projetar-se no caminho de um grande país. Para uma melhor transmissão em caráter não oficial desta propaganda à sociedade, a AERP desenvolveu meios para ressignificação de algo histórico já existente, com sua fundamentação baseada em mitos e estereótipos típicos "brasilidade". Para Fico, a AERP contraria a política estatal clássica, não se

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ FICO, Carlos. Op.cit., pp.124.

⁵⁰ Idem. pp.98.

⁵¹ Idem. pp.124

refere "a um partido ou a um ditador: pretendeu dirigir-se diretamente à 'alma nacional', sem recorrer a esses 'intermediários', transparecendo assim um caráter não oficial"⁵²

O regime militar brasileiro é visto pelo autor como um modo singular de criação e veiculação da propaganda política, que, para intensificar seu grau de apelo e sua extensão, "se travestia de 'despolitizada', calcando-se em valores fundados num imaginário forjado por vasto material histórico"⁵³. Portanto, para Fico, a propaganda política não pode ser encarada apenas como uma questão analisada a partir da ótica tradicional da manipulação ideológica, onde a propaganda constitui-se numa "máquina de controle ideológico". Não pode ser vista como apenas um processo contra os movimentos para mobilização social.

A AERP, mesmo não tendo sido criada com objetivo de reação aos movimentos, se constituiu como parte integrante do sistema de comunicação estruturado por Médici, que controlava tanto os setores públicos quanto os privados. O órgão desenvolveu função 'mediadora' (definição daqueles que a criaram) buscando um equilíbrio entre o regime autoritário com sua imagem negativa e a sociedade brasileira.

Não existe a rigor uma imagem formada do Governo⁵⁴, dizia documento de 1968 da AERP. "É visível a grande insatisfação de parte do público em geral quanto ao encaminhamento dado por sucessivos governos ao problema econômico que o aflige".⁵⁵ Por isso, seria necessário tomar uma série de iniciativas, motivar a população, desviar a atenção para "fatos notáveis.

O processo de equilíbrio se deu de maneira desigual visto que a sociedade civil cabia apenas a função assistir, ouvir e ler as mensagens produzidas pelos meios de comunicação. Fico aponta que ao conjugar fatores como autoritarismo, supressão de liberdades, meios de comunicação de massa modernos e com larga cobertura

⁵² Ibidem. pp.129.

⁵³ FICO, Carlos apud NAVES, Laura Maria in O Papel da Aerp na Construção da Identidade Nacional: Análise das Propagandas Políticas Durante o Governo Médici, pp.4 Disponível em <http://www.unicentro.br/redemc/2012/artigos/41.pdf> acessado em 02/04/2013

⁵⁴ BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Assessoria Especial de Relações Públicas. Recomendações da comissões. Seminário de Relações Públicas do Executivo, 1., 30 de setembro a 5 de outubro de 1968, Guanabara. pp. 44. Apud *REVISTA Eletrônica de História do Brasil*. Juiz de Fora: Arquivo Histórico da UFJF. Semestral. 1997, maio. v. 1 Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/81715492/REH-ufjf-voll> Acessado em 02/04/2013

⁵⁵ Idem

nacional, o regime militar brasileiro criou "um dos maiores sistemas de propaganda política de um governo autoritário da época contemporânea".⁵⁶

Como já tratado anteriormente, os temas de propaganda da AERP giravam em torno da busca pela construção da imagem do governo que instigasse um otimismo na população em relação ao destino do país e seu desenvolvimento econômico social, consequência do controle dos militares. Em momentos de grande autoritarismo havia a necessidade de se transmitir a sociedade o clima de calma e tranquilidade. Toda propaganda acabava interferindo no cotidiano da população. Fico exemplifica:

Certa propaganda que marcava o retorno às aulas mostrava uma criança se vestindo e arrumando seus pertences escolares. Pesquisa posterior da AERP detectou mudança de comportamento entre escolares, que, segundo pais e professores, 'se mostravam mais independentes e organizados'. Outro comercial que fazia paralelismo entre a feitura de uma pipa, por um garoto, e a construção de uma estrada. Em pouco tempo a Light, empresa de eletricidade, pedia à AERP que tirasse o comercial do ar, pois aumentara consideravelmente o número de pipas, provocando acidentes na rede elétrica.⁵⁷

Outros autores também apontam para uma grande importância na constituição e atuação da AERP. Sebastião Velasco e Cruz e Carlos Estevam Martins, assim como grande maioria das análises 'citam' essa assessoria de propaganda e concluem que a AERP realizou importante trabalho em favor do regime perante a sociedade brasileira. Com objetivo de criar junto à população uma imagem 'positiva' do Brasil e da forma de governo. A imagem a ser desenvolvida era de um 'país grande, em desenvolvimento, forte, pra frente e em paz'. Para chegar ao objetivo, a AERP

bombardeava permanentemente a população com a mística do "Brasil Grande", com as evidências dos progressos alcançados e o apelo agressivo dos projetos - impacto, procurando explorar ao máximo o efeito ideológico das políticas sociais e da grandiosidade de alguns empreendimentos.⁵⁸

A agência atuou de maneira inédita no jornalismo brasileiro. O desenvolvimento tecnológico foi elemento que deu consistência e aumentou a abrangência e as possibilidades dos meios de comunicação daquele período. Para o autor, a AERP transformou-se "na operação de relações públicas mais profissional que o

⁵⁶ Ibidem. pp.117

⁵⁷ Ibidem. pp.104.

⁵⁸ CRUZ, Sebastião C. Velasco e, MARTINS, Carlos Estevam. Op.cit. pp. 40.

Brasil já vira.”⁵⁹ Os temas a serem abordados pelas propagandas eram decididos pelo corpo técnico que posteriormente fazia contratação de agências para realização do trabalho e a produção do material já preestabelecido para ser repassado para jornais, emissoras de TV, etc. Para o autor, “o tema central da AERP era a emergência do Brasil como uma sociedade dinâmica original, tendo como pano de fundo o rápido crescimento econômico, então de 10 por cento ao ano.”⁶⁰ Porém não pode omitir que o chamado “milagre econômico”, privilegiou claramente a acumulação de capital por parte de certos grupos econômicos ao mesmo tempo em que a maioria da população brasileira passava pelo arrocho salarial.

A AERP, aliada aos meios de comunicação privados constituiu-se uma agência de propaganda bastante importante no auxílio governamental. Instrumentalizou o governo que se esforçava para construir uma relação de causa e efeito entre o governo autoritário e desenvolvimento econômico.

Se no início a AERP tinha objetivos despretensiosos, posteriormente se tornou um órgão de extrema importância para o governo que fez grande utilização de seus serviços para que mesmo não diretamente mostrasse a ideologia do regime. Nesse sentido, a AERP pode ser considerada como um típico Aparelho Ideológico de Estado, sendo sua principal função a disseminação de uma ideologia do Estado cujo conteúdo correspondia exatamente às necessidades do Governo Médici (mostrar a sociedade, mesmo que de maneira velada, uma relação íntima entre autoritarismo político e ‘desenvolvimento econômico’). Um ponto a se considerar é que a ideologia disseminada pela AERP era a de um grupo dominante refletindo as necessidades dessa classe nas representações do governo. Mesmo com a necessidade de se mostrar um país grande, com desenvolvimento econômico significativo, pode-se inferir que este Estado militarizado tinha um modelo econômico que não atendia às necessidades e às demandas do grosso da população brasileira.

Conclui-se, portanto, a partir de todo exposto que a AERP produziu uma propaganda *estatal* diferenciada ao *falar* de política. Essa ‘forma’ diferenciada se dava a princípio pela propaganda velada, onde o conteúdo era tido como ‘despolitizado’. E

⁵⁹ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. 3 ed. RJ: Paz e Terra, 1989, pp.221.

⁶⁰ *Ibidem*. pp.223

através dessa propaganda velada o regime buscava legitimar-se. Não falando exatamente do regime, mas do “Brasil” como um todo. Apesar de considerar que a AERP produziu uma propaganda política, não se pode dizer que foi feita de maneira direta e clara, já que o governo se negava a produzir uma propaganda política ‘oficial’, negando qualquer semelhança com o DIP de Getúlio Vargas que acarretaria retaliações e seria prejudicial ao regime.⁶¹ Considerando que seria contraditório usar o Estado militar a favor do regime ditatorial quando as Forças Armadas tentam dissociar suas práticas dos grupos populistas que as mesmas afastaram da direção do Estado.

Em caráter oficial, o Estado não deveria fazer uso de sua estrutura para manipulação da opinião pública. Este fato era condenado pela grande maioria das altas patentes das Forças Armadas; que no entender da grande hierarquia, apenas deveriam ser divulgados os feitos concretos do regime.

Pode-se perceber assim que enquanto “o DIP fazia propaganda de Getúlio Vargas, a AERP pautar-se ia pela ‘impessoalidade’”.⁶² Sendo assim, “era visível alguma hesitação por parte dos militares em efetivamente consolidar um sistema de propaganda política”.⁶³ Tendo em vista uma não correlação com o regime de Getúlio Vargas, no período Médici, os militares e civis que integravam o governo exigiam para ocupação de um cargo ‘lisura’ no trato com a ‘coisa pública’. Um comentário do próprio filho e assessor direto de Médici corrobora com o discurso de forma clara para dissociação do governo Médici e Vargas na questão do uso do Estado como instrumento de autopromoção.

por que um presidente que assumiu contra a sua própria vontade, que reduziu em quase dois anos seu mandato e que não admitia que se falasse em continuísmo, ia precisar de uma máquina para exaltar sua pessoa? Será que um presidente com essas características precisaria de um DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda, de Getúlio Vargas) para segurá-lo no poder por 15 anos?... Será que era culpa de meu pai que o Brasil de seu governo estivesse batendo recordes de crescimento? Que estávamos a pleno emprego? Que chegou a crescer 11% ao ano? Que conseguiu colocar a inflação a níveis de primeiro mundo?⁶⁴

⁶¹ Ver FICO, Carlos. Op.cit. pp.92.

⁶² Idem. pp.96.

⁶³ Idem. pp.92.

⁶⁴ MÉDICI, Roberto Nogueira. *Médici, o depoimento*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. p70-71.

Entre a imagem conciliatória e democrática que o governo pretende disseminar na sociedade e a realidade que estava condicionada ao AI-5 existiu uma grande contradição:

Sob o lema 'Segurança e Desenvolvimento', Médici dá início, em 30 de outubro de 1969, ao governo que representará o período mais absoluto de repressão, violência e supressão das liberdades civis de nossa história republicana. Desenvolve-se um aparato de 'órgãos de segurança', com características de poder autônomo, que levará aos cárceres políticos milhares de cidadãos, transformando a tortura e o assassinato numa rotina.⁶⁵

Dentre uma série de ações desenvolvidas pelo governo Médici, já em janeiro de 1970, organismos de repressão como a OBAN, os DOI- CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna), órgãos oficiais integrantes do sistema de repressão estavam em funcionamento e logo passaram a ocupar "o primeiro posto na repressão política e também na lista das denúncias sobre violações aos Direitos Humanos"⁶⁶

Nas palavras de Velasco e Cruz e Martins,

Sob a capa da ordem, protegida da curiosidade pública pelos rigores de uma censura estúpida, mas onipresente, lavrava a guerra suja contra a luta armada; estava a tortura, erigida, então, em uma prática institucional a qual se repudiava publicamente, mas se aceitava de fato, em nome dos imperativos maiores da razão de Estado (...)⁶⁷

Sobre a questão do posicionamento do Estado brasileiro pós-64 com relação à cultura, Ortiz aponta que

o Estado, assumindo o argumento da unidade na diversidade, torna-se brasileiro e nacional, ele ocupa uma posição de neutralidade, e sua função é simplesmente salvaguardar uma identidade que se encontra definida pela história. O Estado aparece, assim, como guardião da memória nacional e da mesma forma que defende o território nacional contra as possíveis invasões estrangeiras preserva a memória contra a

⁶⁵ Arquidiocese de São Paulo. *Brasil Nunca Mais*. 22.ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1989. pp.63.

⁶⁶ D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). Op cit pp.74.

⁶⁷ CRUZ, Sebastião C. Velasco e, MARTINS, Carlos Estevam. apud ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares e SORJ, Bernardo(orgs) in *Sociedade Política no Brasil Pós-64*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro. 2008. pp.58

descaracterização das importações ou das distorções dos pensamentos autóctones desviantes.⁶⁸

Segundo Renato Ortiz, o governo percebeu que *‘os meios de comunicações eram capazes de difundir ideias, se comunicar diretamente com a massa criar estados emocionais coletivos’*.⁶⁹

Um exemplo das propagandas de grande apelo que circulavam na época está a de um televisor Philips. O anúncio vinha acompanhado da seguinte frase: "Na câmara de torturas o TV Philips 550 resistiu a tudo".

Na câmara de torturas o TV Philips 550 resistiu a tudo

Antes de lançar no mercado, a Philips submeteu seus aparelhos a inúmeros testes eletrônicos e mecânicos, para cientificar-se da capacidade de resistir a qualquer maltrato. Estas são algumas das provas a que o TV Philips 550 se submeteu:

Sômente Philips pode oferecer qualidade e preço e resistir a qualquer prova

MESA VIBRATORIA. Para observar sua capacidade em se manter íntegra aos mais vigorosos movimentos. E continua funcionando normalmente.

CÂMARA TROPICAL. Para controlar sua resistência a elevadas graus de calor e umidade. E continua funcionando normalmente.

QUEDA LIVRE. Para testar sua resistência a choques, mesmo 100 dias não acontecem em sua casa. E continua funcionando normalmente.

PHILIPS

70

O reclame vinha com uma foto da televisão com uma corda solta ao seu lado ainda trazia uma descrição detalhada de todos os processos aos quais o aparelho foi exposto para comprovação de sua resistência como se tivesse passado por uma ‘câmara

⁶⁸ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira* Cultura brasileira e identidade nacional. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense 1985, pp.125.

⁶⁹ Idem pp.116

⁷⁰ O Estado de São Paulo: 05 de Outubro de 1969. pp. 23

de tortura'. O consumidor poderia ter a 'certeza' que a aquisição do aparelho não lhe causaria problemas posteriormente quanto à durabilidade.

Assim, o Estado, respaldado por uma imagem construída pela propaganda, buscava apresentar suas práticas como democráticas mesmo quando o autoritarismo denunciava o contrário.

Conclui-se, portanto, que além de fornecer uma infraestrutura para o desenvolvimento dos meios de comunicação no país, o Estado militarizado manteve intenso controle sobre tais meios e todo o material cultural distribuído no país. O governo utilizava-se desses meios como instrumento de criação de um consenso em torno de seus atos de decisões.

Capítulo 2: Quando a mídia se apropria de certo elemento para transmissão de uma imagem: o fenômeno do futebol

Em *Futebol: Ideologia do poder*, Roberto Ramos analisa como o poder, através de instrumentos da mídia, se apropria do futebol para transformá-lo em um aparelho ideológico do Estado, mistificando e legitimando-o. Estes efeitos não se limitam ao campo cultural. “Ele concede uma visão ficcional da realidade, aperfeiçoando-a . Neste processo, tenta tornar comum a todos as ideias da classe dominante. O futebol fabrica toda uma idealização do real...Significa uma falsa conciliação de classes dentro de condições irreais. A hierarquia e os papéis sociais são desativados. A injustiça ganha outra dimensão. Sobrevive nos estereótipos...”⁷¹

Apesar da “lei de segurança Nacional editada em 1969, uma ameaça constante ao trabalhador ou jornalista, o futebol estava no horário nobre (horário de almoço do operário) no rádio aparece o futebol para que após o término da refeição, pudesse ser aquele o assunto dos homens. Para que não pensassem na dureza do trabalho ou na lógica capitalista onde ele está trabalhando para enriquecer outrem. E, assim, continuara prisioneiro da lógica que o aprisiona. “O futebol é uma questão de segurança nacional. Se fosse marcado um movimento revolucionário...não haveria problema. Era só programar um clássico em cada cidade brasileira para acabar com a revolução...”

A televisão ao ser incorporada na sociedade seguiu uma mesma lógica de aprisionamento como assinalado por Muniz Sodré, em *Monopólio da fala*,

a televisão, imbricada com as instituições fundamentais da civilização ocidental (capital, família, democracia, escrita), é o mais recente e mais bem acabado momento técnico do panoptismo na comunicação social”. Como explica o autor, Panopticon é o nome inventado por Jeremy Bentham, em 1792, para designar uma penitenciária modelar, sem calabouços nem torturas, dentro da melhor inspiração liberal. “Dentro dela”, imagina Sodré, “um inspetor tudo vê sem ser

⁷¹ RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. APPUD MOYSÉS, Raquel in *Morrer de tanto rir* pp. 5 disponível em <http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&sqi=2&ved=0CC4QFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fmotrivivencia%2Farticle%2Fdownload%2F5930%2F5442&ei=wzpnUcP0AoOC8ASk2oC4Bg&usg=AFQjCNH5ZmGVW7LS5XjcpGqWam2iVLmzFQ&bvm=bv.45107431.d.eWU> acessado em 02/04/2013

visto(...) Isolado, o prisioneiro é individualizado pelo controle coletivo...jamais saberá se está ou não sendo vigiado.

O aparelho implica na forma que a sociedade vai passar a lidar com a informação. Apesar do choque de forças políticas o aparelho vai ser articular ideologicamente com a classe que controla o Estado. Portanto, “o aparelho informativo se articula ideologicamente com a classe que controla o estado... e assume a lógica geral do poder de Estado.”

O futebol, no Brasil, é muito mais que um esporte. Entre os moleques, das variadas classes e raças, ele constitui um dos primeiros índices de aceitação social. Não importa a cor ou a situação financeira: um garoto negro e pobre, brilhante com os pés pode torna-se o rei do jogo ou do país. Trata-se de um exercício democrático, educativo e político que respeita a individualidade e o todo. Mas futebol também é drama: a conquista do reconhecimento público e de uma vida confortável se restringe a poucos.⁷²

2.1: O Primeiro tempo

Muito mais que um esporte: um jogo inglês pra brasileiro ver

Copa do Mundo de 70

Carlos Drummond de Andrade
(...) De repente o Brasil ficou unido
contente de existir, trocando a morte
o ódio, a pobreza, a doença, o atraso triste
por um momento puro de grandeza
e afirmação no esporte.
Vencer com honra e graça
com beleza e humildade
e ser maduro e merecer a vida,
ato de criação, ato de amor.
A Zagallo, zagal prudente,
e a seus homens de campo e bastidor
fica devendo a minha gente
este minuto de felicidade.

Após passar por todo o panorama da conjuntura do Estado no período Médici. É de mais fácil compreensão perceber como o esporte, mais especificamente o futebol foi utilizado como instrumento para autopromoção do regime. Para análise deste fenômeno, além de bibliografia a respeito do tema, também houve a busca de fontes em

⁷² COELHO, Eduardo. In: Donos da Bola, Língua Geral, 2006

acervos disponíveis para consulta online. Dentre elas estão os jornais o Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, o Jornal do Brasil e as revistas Veja e Placar.

Avançando por todo o aparato material e ideológico do Estado onde pode-se observar a importância fundamental que a imagem tinha para aceitação do regime militar, chego a questão principal da pesquisa, a relevância do futebol para essa construção.

Ainda em 1968, o Brasil arrancou em direção ao “milagre econômico”. A conjugação entre o paternalismo autoritário e boa economia potencializou a confiança brasileira a níveis antes não vistos. O país parecia ter encontrado seu rumo, uma identidade baseada num forte nacionalismo. Foi esse o país que Médici passou a governar.

Médici chegou ao poder em outubro de 1969, em meio a uma grande crise de poder que propiciou um maior enrijecimento do regime. Após o derrame de Costa e Silva em agosto do mesmo ano, era esperado que seu vice, o civil Pedro Aleixo, assumisse, porém uma junta militar se formou não permitindo a posse e governou até que ocorresse a sucessão.

Foi estabelecido que os inimigos do regime fossem banidos. A repressão endureceu. Com isso, todos os que eram considerados perigosos para ‘segurança nacional’ estavam sob a mira dos órgãos repressivos. O governo buscava neutralizar aqueles que eram considerados de oposição. Como resposta, grupos armados começaram a sequestrar políticos para usá-los como moeda de troca.

Médici, um autêntico representante da mais forte linha dura e obcecado pela legitimidade popular. Some-se a isso a sua paixão pelo futebol, o esporte de maior apelo popular do Brasil. Era apresentado como ‘homem do povo’ e ‘apaixonado por futebol’. Por este caminho é possível desvendar o porquê do governo deste período ter tamanha aceitação popular. Soube usar corretamente as características e o momento em seu favor, a fim de alcançar objetivos e projetos, criando assim certa cumplicidade e angariando apoio popular. A conquista da Copa de 1970, no México, veio coroar o início dessa trajetória. Tava aí a diferença entre o atual e o velho, a relação de Médici com o futebol era de um fanático pelo esporte.

Por um relato de cronista, Carlos Heitor Cony, vítima da ditadura

e não foi armação do regime militar algumas de suas fotos mais famosas – ouvindo o jogo no radinho de pilha, enrolado na bandeira nacional por ocasião do tricampeonato e fazendo embaixadas com alguma perícia, o que revelaria intimidade com a bola.⁷³

O governo no auge da repressão e os efeitos de um presidente apaixonado por futebol conseguiu promover um grande paradoxo com a conquista da Copa de 1970. Membros da intelectualidade brasileira estavam presos ou no exílio e consideravam torcer pela seleção neste momento como algo indevido, pois poderiam ser considerados como pactuantes do regime. A equipe vencedora daquela copa passou a ser considerada pela contemporaneidade como um mito, a melhor de todos os tempos. A seleção do jogo mais bonito. Como não torcer?

O pensamento crítico dificilmente alcançará resposta para tal dilema. A esquerda tentava enfrentar o autoritarismo, mas ao mesmo tempo não podia negar a mágica do futebol. Não podiam negar seu sucesso perante a população e não escondiam a admiração por Pelé, Jairzinho e companhia.

Uma historinha do Henfil no *Pasquim* retrata bem tal paradoxo:

Um país para por causa do futebol, mas não para resolver o problema da fome... este sim é o verdadeiro ópio do povo! Faz esquecê-lo de que são explorados, subdesenvolvidos... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará à realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado!⁷⁴

A confiança e o olhar contente não acompanharam a seleção desde sempre. A desclassificação na copa de 1966 deixou certa desconfiança. João Havelange, com objetivo de chegar a presidente da FIFA, convidou João Saldanha que assumiu o cargo de técnico em abril de 1969.

Saldanha, gaúcho como Médici, apesar de não ter experiência como técnico, já era conhecido pelo público (“João Sem Medo”), foi ativo militante desde 1940 e ainda mantinha fortes relações com o PCB. Fato que em nada agradava a ditadura militar. A

⁷³ CONY, Carlos Heitor. “Médici e FHC”, em Folha de São Paulo, em 6 de março. 2002. pp A2

⁷⁴ O Pasquim, 11 a 17 jun. 1970, número 51, pp 11. Apud GUTTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009

paixão pelo futebol o fez aceitar o convite e deixar a militância de lado enquanto treinava a seleção.

O cargo de técnico era uma bomba que iria explodir fosse qual fosse o treinador. A ideia era dar o cargo a alguém que fosse um crítico da seleção para que assim a crítica abrandasse. Foi um grande avanço a mudança nas estruturas da seleção afinal, passado um ano ela tinha passado pelas eliminatórias com uma campanha impecável e foi apelidada de “feras do Saldanha”. Apesar da boa campanha nas eliminatórias, o Brasil ainda amargava maus resultados em alguns amistosos ao longo da preparação pra copa.

Os rumores de demissão se fortaleceram, porém, a popularidade alcançada por Saldanha como comentarista garantiu sua permanência no cargo. A briga pelo cargo foi acirrada entre seus maiores críticos, Zezé Moreira, Aymoré Moreira (antecessor de Saldanha), Flávio Costa e Dorival Knipel eram os principais.

Além de reclamar com seus críticos, Saldanha, reclamou da imprensa que o tachou como autoritário e centralizador. Visto que só o próprio aparecia em público. Como se os dirigentes para nada servissem. Essa mudança mudaria a ideia que a imprensa tinha de que havia muita interferência na função que o técnico deveria exercer.

Saldanha, mesmo sendo um crítico antes de assumir o cargo de técnico, recebia críticas. As escalções eram sempre notícias para o caderno de esportes. Fosse um corte da convocação ou uma novidade na lista. E todas as justificativas eram dadas pelo próprio técnico durante entrevistas. Críticas realizadas por algum motivo abriam caminhos para outras indagações. Jogadores e críticos aproveitavam para deferirem críticas contra o técnico.

O sucesso de Saldanha à frente da seleção não escondia as crises internas e externas que o treinador teve que enfrentar. Problemas com jogadores, comissão técnica, imprensa, dirigentes, torcedores, críticos, jornalistas, outros treinadores eram constantes no noticiário da época. As tensões cada vez tomavam maiores proporções. Após o episódio de invasão da concentração do Flamengo, Saldanha teve que arcar com as consequências de ocupar um cargo de confiança durante o regime militar. Dorival (técnico do Flamengo) aproveitou-se do ocorrido para insuflar os militares fazendo com que tomassem uma providência contra seu desafeto. A paciência dos dirigentes estava

se esgotando. Após o episódio, Antônio dos Passos, coordenador da seleção denunciou Saldanha a Havelange.

Se Saldanha continuar com o mesmo comportamento que teve até agora, acho que pode haver uma intervenção do exército na seleção, como já aconteceu em outros países onde, como no Brasil, o futebol tem grande repercussão na vida nacional⁷⁵

As atitudes de Saldanha já não agradavam. A última que pode vir a ser considerada a motivação para sua queda foi o corte de Pelé. O Brasil disputou um amistoso contra o Bangu e fez uma fraca exibição, empatando com o Bangu em 1 a 1. Pelé foi um dos mais criticados pelo desempenho. Naquela época ele já era considerado um dos maiores jogadores de todos os tempos e já tinha alcançado seu milésimo gol em 1969. Recebendo do presidente Médici uma condecoração (comendador). Desfilou como herói por Brasília e virou selo comemorativo. Não se poupava elogios ao rei antes da copa de 1970. Tornou-se o jogador dos sonhos, aclamado pelo mundo.

Já no México, o Brasil disputou um amistoso contra um combinado local. É possível encontrar online uma fotografia⁷⁶ com a reprodução do cartaz que os artistas do Teatro Degollado colocaram que trazia a seguinte declaração: *“hoy no trabajamos porque vamos a ver Pelé”*.

A grande fama que alcançou não conseguiu esconder suas más atuações. Um exemplo foi a sua saída em um amistoso contra o Chile. Saldanha avisou que Pelé sairia, pois não estava bem e foi apoiado por Zagallo e Flávio Costa na época.

O marcador do Maracanã estava registrando 1 a 0 para o Chile, quinta-feira à noite, quando Pelé voltou até o meio de campo, recebeu um passe de Clodoaldo, driblou um adversário, pôs a bola à frente e começou a correr. Quando o estádio prendeu a respiração, antevendo um lance magistral e, talvez, o gol de empate, Pelé tropeçou na bola e perdeu a jogada. Interpretando o desencanto da torcida, o locutor berra impetuosamente, agarrado ao microfone: “É, torcida, Pelé já não é mais o mesmo”. Será verdade?⁷⁷

Já naquela época, Pelé tinha um salário considerado fortuna e teve a oportunidade, mesmo que já não fosse mais o mesmo, de renovar com o Santos para

⁷⁵ Última Hora, 3 de março de 1970. pp12 apud GUTTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009

⁷⁶ Imagem disponível em <http://www.flickr.com/photos/chrisid/8222200070/in/photostream/> acessado em 14/04/2013

⁷⁷ Veja, 1 abr. 1970. ed.82 acessado em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> dia 09/04/2013

terminar sua carreira no time que o revelou. Foi novamente alvo de críticas. A imprensa não poupou o craque.

Enquanto a imprensa fala da decadência do ídolo, Pelé culpa-a pelas críticas.

(imprensa) sua imagem de gênio já não tem mais o mesmo brilho[...] Como estará se sentindo o maior jogador do mundo [...] enquanto disfarça, com sorrisos tranquilos e respostas ponderadas, o peso da vaia de seu torcedor mais fiel?⁷⁸

(Pelé) infelizmente, nem a torcida nem a crônica esportiva entendem de futebol e estão sempre dispostas a descobrir falhas e motivos para a derrota ou empate. O torcedor acredita na imprensa e vai a campo pra ver goleadas e, se isso não acontece, ele vaia, é claro. Isso não me afeta porque sinto que estão influenciados pelos jornais.⁷⁹

Pelé já admitia que o time não deveria jogar em função dele. E que a qualquer momento poderia sair das quatro linhas, pois sabia que suas condições físicas já não eram as mesmas e estava estabelecido financeiramente. Saldanha, porém, estava disposto a fazer isso muito antes que Pelé imaginava. Testar Dirceu o Rivelino no seu lugar. O agora ex-técnico deu uma entrevista após sua demissão relatando os problemas de Pelé como jogador.

Pelé, atualmente, tem poucas condições de disputar a Copa do Mundo, e os homens da comissão técnica e da CBD já sabiam disso desde fevereiro do ano passado. Para mim, Pelé não seria titular da seleção brasileira, apesar de sabermos que ele é um gênio. Pode jogar boas partidas, mas não está em boas condições físicas.⁸⁰

Pelé se dizia amigo de Saldanha quando ainda era técnico. Mas depois de deixar o cargo, Pelé declarou que o ex-técnico não entendia coisa alguma de futebol e que com Zagallo a seleção seria muito melhor. O craque fez diversas críticas ao trabalho de Saldanha. Assim pode-se constatar que o clima entre Saldanha e Pelé não era nada bom.

Em 17 de março de 1970, às vésperas da copa, Saldanha foi demitido por Havelange. O ex-técnico logo convocou os jornalistas de plantão para uma coletiva para dar esclarecimentos e fez a insinuação que Médici havia imposto a convocação de Dario, jogador que estava entre os cinco maiores artilheiros do país. “Quando Médici formou o gabinete dele, não me consultou; de modo que para formar o meu time, não

⁷⁸ Última Hora, 18 de abril de 1970. pp.11 apud GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009.

⁷⁹ Idem

⁸⁰ Última Hora, 19 de março de 1970. pp.10 apud GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009

preciso perguntar a ele”⁸¹, o que prova que Saldanha, mesmo deixando a militância de lado para assumir o cargo de treinador, não estava disposto a entrar e fazer o jogo da ditadura. Os relatos da época não permitem a conclusão de que Saldanha responsabilizou Médici pela demissão. Jairzinho, amigo do técnico e um dos destaques da copa de 1970, muitos anos depois declarou que a queda de Saldanha se deu por pressão dos militares. “O que aconteceu foi que a retirada de Saldanha foi uma decisão política. Nem política, porque era ditadura, e política não existia. Foi uma imposição do presidente Médici. Foi um procedimento protocolar da ditadura.”⁸²

A retirada de Saldanha do cargo foi vista por muitos como uma forma de mantê-lo sob controle e não permitir nenhuma incitação do povo contra o regime visto que se dizia que havia certo temor de que o técnico chegasse ao México com uma lista de presos políticos e discursasse contra o regime militar brasileiro para imprensa internacional. Outros creem que se essa possibilidade fosse cogitada, o mesmo não tinha nem assumido o cargo.

Notícias surgiram afirmando que dias após a demissão, Saldanha foi recebido em audiência pelo ministro Jarbas Passarinho, a quem o próprio entregou uma proposta para “reformulação do futebol brasileiro”. Contando com o patriotismo de Saldanha, o ministro lhe fez uma apelação para que superasse as magoas e não se voltasse contra o regime ou falasse mal da seleção.

O novo técnico da Seleção, Mario Lobo Zagallo foi quem não poupou críticas ao ex-técnico diante da imprensa nacional. Não se rendeu aos comentários de que o antecessor havia saído por pressão militar e afirmou que Saldanha saiu pelas ‘cagadas’ que fez. E que sendo assim, ninguém tiraria o mérito dele que agora o substituíra, contestando as informações de que havia pegado o time montado e de que Médici estaria impondo a convocação de Dario. Embora não contestasse o desejo do presidente e seu contentamento na hora da convocação. O próprio Dario assumia a responsabilidade grande por ter a ‘honra de ser o preferido do presidente Médici’, frase dita pelo mesmo a O Estado de São Paulo, em 1 de maio de 1970. A família do jogador também se pronunciou. Agradeceu ao presidente pela sua convocação por Zagallo.

⁸¹ As Melhores Frases do futebol org. Ivan Maurício. Ed.Garamond.2003 pp.20

⁸² O povo, 21 de junho 2005. apud GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009, pp 169

“ninguém queria o Dario na seleção. Se não fosse o presidente pedir, ele nem seria convocado. Foi o presidente que ajudou ele.” disse uma tia de Dario.

Zagallo não aceita qualquer suposição de que tenha sucumbido as vontades do presidente. Se fosse por imposição, na concepção de Zagallo, Dario seria titular, ao menos ficaria no banco, o que não ocorreu. Antes da copa, mesmo sendo artilheiro, o próprio Dario já sabia que seria coadjuvante daquela seleção e se contentava em apenas viajar com o grupo. No mais, os torcedores faziam coro com o presidente e pediam Dario na seleção. Fato é que se por pressão ou não, a saída de Saldanha foi tratada como “intervenção branca do governo federal no escrete”, conforme registrou a revista Placar em março de 1970.⁸³

A crise na seleção era visível, as autoridades e a sociedade estavam mobilizadas mediante as mudanças. Mais importante que a escalação, seria a imagem da equipe e os resultados que proveria ânimo ao torcedor brasileiro. O clima que permeava a seleção era visto como prejudicial ao país como um todo. O ministro Jarbas Passarinho cobrava explicações sobre a crise que se abatia sobre a seleção.

Algo relevante a ser considerado se dá logo a seguir, pois o próprio ministro faz a declaração de que não intervirá na CBD sendo que farão uma minuciosa investigação das denúncias de corrupção feitas por Saldanha.

A questão da seleção brasileira frente ao país era tão importante que não se restringia apenas ao meio esportivo. Prova disso foi uma reunião de o então ministro da educação com Médici para discutir os problemas da seleção. Passarinho chegou a afirmar que as discordâncias por conta da seleção brasileira abalava profundamente a opinião pública do país.⁸⁴ A seleção deveria ser para todos um modelo de ordem e disciplina.

Havelange ainda estava à frente da CBD, porem já não era o todo poderoso d’antes. Agora ele estava submisso ao governo assim como todos os seus atos, que

⁸³ Placar, 20 de março de 1970, n.1 pp.8 Disponível em http://books.google.com.br/books?id=dofwecHfONoC&printsec=frontcover&dq=Placar+Magazine+-+20+mar.+1970&hl=pt-BR&sa=X&ei=_IdkUa_wC4SV0QHTwIEI&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=Placar%20Magazine%20-%2020mar.%201970&f=false acessado em 08/04/2013

⁸⁴ Última Hora, 20 de março de 1970. pp.2 apud GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009

deveriam a partir de então passar pelo crivo do governo. A escolha de Zagallo chegou a ser associada com a possibilidade de controle. Portanto, o atual técnico seria submetido a Havelange e também estaria sob as rédeas curtas do governo.

As escolhas feitas por Zagallo estiveram à prova todo momento. As opções táticas não agradavam. A imprensa paulista cobrava resultados visto que tinham sido feitas substituições na equipe. Rivelino, que era adorado pela imprensa, foi preterido, pois Zagallo preferia Gerson e Paulo Cesar, jogadores que ele dirigia no Botafogo. Tostão e Pelé foram colocados juntos repetindo, um erro já cometido por Saldanha. Bastou um empate em 0 a 0 com o Paraguai para especularem a queda de Zagallo.

A desconfiança com o nome de Zagallo era grande. Outros nomes já haviam sido cogitados antes do primeiro, porém não aceitaram a proposta, pois queriam uma independência que Havelange não poderia proporcionar.

O fantasma de 1966 ainda assombrava e as mudanças técnicas e táticas não foram vistas com bons olhos e foram realizadas na última hora, sem aviso prévio aos jogadores. O ceticismo quanto à seleção tomava conta de todo o país. Alguns jornais, a exemplo está o Estado de São Paulo, se anteciparam e chegaram a publicar que a derrota serviria como iniciativa para a mudança nas estruturas viciadas e antigos erros técnicos, táticos e administrativos. A vitória, neste caso, viria acompanhada do sentimento de surpresa e só mesmo seria explicada pelas virtudes dos jogadores brasileiros exaltadas desde 1958.⁸⁵

Os erros de Zagallo estavam sendo observados de perto não só pelos torcedores, mas também pelos componentes do governo no planalto. T tamanha preocupação nos permite perceber o papel especial atribuído ao futebol na administração Médici. O ministro fazia questão de deixar claro que a copa era uma grande questão nacional no momento e a seleção tinha condições de vencer o campeonato se mudanças ocorressem no time.

A seleção tinha o dever de representar o Brasil e o regime militar apostava nisso como meio para afirmação de seus projetos. A equipe sofreu grande pressão tanto do governo quanto dos problemas internos. Seu primeiro jogo em Guadalajara foi contra

⁸⁵ O Estado de São Paulo, 1 de Maio de 1970, pp.42 acessado em <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19700501-29160-nac-0042-999-42-not> dia 09/04/2013

a Tchecoslováquia e apesar de começar atrás, o Brasil não demorou para impor sua superioridade. Pelé, o míope, proporcionou jogadas admiráveis e quase marcou um gol do meio de campo. Os lances geniais e a apresentação de gala da seleção começaram a mudar a opinião da crônica esportiva brasileira. Estava ali iniciando-se o resgate do ‘verdadeiro futebol brasileiro’. O estilo de jogo peculiar e encantador estavam se sobrepondo a todo o esquema tático europeu.

A vitória trouxe um grande alívio no cenário político e acalmou os ânimos exaltados. Médici tinha um grande problema com relação à sucessão indireta dos governos estaduais. Contrariou os interesses da Arena ao escolher aqueles que tinham proximidade com ‘ideais da revolução’.

Saibam todos que Pelé, Jair e Rivelino, com os tentos que marcaram, conseguiram esvaziar boa parte dos descontentamentos a que aludíamos e deram ao presidente Médici uma colaboração valiosíssima. [...] Realmente, tudo leva a crer que, se a seleção brasileira levantar a Copa do Mundo, o acontecimento terá repercussões profundas para o país, dentro e fora dele. Na esfera interna, nem se fala [...] As metas de uma administração dependem das metas nos campos esportivos. No caso brasileiro, essa interdependência é ainda mais profunda, de vez que nosso esporte, o futebol, está entranhado nas dobras mais íntimas da alma popular[...]. Por isso mesmo o governo do presidente Médico mandou bem em emprestar apoio ao nosso selecionado que peleja nos gramados estrangeiros.⁸⁶

Após a vitória sobre os Tchecos, o próximo confronto era com os ingleses, considerados fregueses por Médici. Havia uma baixa na seleção: o destaque do primeiro jogo, Gerson, se machucara e foi feita sua substituição por Paulo Cesar. O Brasil de fato venceu a partida, mas não foi tão fácil como as previsões de Médici. Os brasileiros suaram para dobrar a seleção inglesa. Após a exibição, o presidente enviou um telegrama à delegação brasileira com seu ‘comovido abraço de torcedor’ não poupando elogios à “demonstração de técnica, serenidade, amadurecimento, inteligência e bravura.”⁸⁷

A seleção seguia com suas vitórias na competição. O terceiro jogo, contra a Romênia, foi complicado, pois o time explorou bastante as falhas de defesa da seleção

⁸⁶ Folha de S. Paulo, 5 de junho 1970, pp.3 acessado em <http://acervo.folha.com.br/fsp/1970/06/05/2/> dia 09/04/2013

⁸⁷ GUTTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009, pp. 176

brasileira. O Brasil passou vencendo por 3 a 2, qualificando-se para enfrentar o Peru nas quartas de final. Os ânimos novamente se exaltaram, o técnico do Peru era Didi (brasileiro bicampeão mundial) que fez diversas críticas aos jogadores e estilo de jogo do Brasil, revoltando alguns jogadores. A seleção passou com certa tranquilidade com placar de 4 a 2 seguindo para semifinal. No lugar de um telegrama, Médici telefonou para a comissão técnica para transmitir a confiança em uma vitória final.

O Brasil tinha um fantasma pela frente. O Uruguai seria a próxima etapa a ser vencida. O pesadelo não se repetia desde o fracasso dentro do Maracanã. O fantasma da derrota assombrava apesar da retrospectiva estar a favor da seleção. O Uruguai estava em uma fase decadente enquanto o Brasil, apesar de todos os problemas, havia se consagrado bicampeão mundial e tinha um futebol diferenciado admirado em todos os cantos do mundo. Em 17 de junho de 1970, o imaginário popular refletiu na insegurança dos jogadores nos primeiros minutos de jogo e o time adversário acabou saindo na frente no placar. O jogo foi truncado na tentativa de desestabilizar os jogadores brasileiros com grande número de faltas. Uma substituição mudou os rumos da partida. Clodoaldo a frente, no lugar de Gérson, muito marcado fez o gol de empate da seleção. Terminando assim o primeiro tempo. Ao reinício da partida, parecia que o estilo de jogo truncado se manteria, porém, numa troca de passes entre Pelé, Jairzinho (que viria a ser artilheiro da copa) e Tostão resultou no gol de desempate. Ainda viria o terceiro, marcado por Rivelino, que afastaria o pesadelo e faria com que o país fosse ao delírio com a chegada à final. Há quem diga que pelas ruas do Brasil quem não comemorasse, era xingado de ‘uruguaio’.

No mesmo dia de tantas comemorações, passou como irrelevante aos olhos da população e não houve nenhuma atenção à ida de quarenta guerrilheiros para o exílio na Argélia. O governo havia trocado pela vida do embaixador Ehenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben que tinha sido sequestrado por um grupo armado no dia 11 do mesmo mês. A opinião pública foi jogada contra os grupos considerados “subversivos” paralelamente as negociações. Era dito que a comoção dos jogadores com a situação afetaria o desempenho dos mesmos em campo. A Folha de S. Paulo publicou em sua capa, no dia 17 de junho, notícias do México onde jogadores condenavam o ato terrorista. A notícia a qual a Folha se refere é na verdade uma nota do Ministério do Exército.

Causou profundo impacto na seleção a notícia chegada ao México sobre o sequestro do embaixador alemão. Pelé, Brito, Rivelino, Clodoaldo e outros craques lamentaram que maus traidores e criminosos venham a quebrar a tranquilidade e o entusiasmo da seleção. Lamentaram nossos craques que terroristas, a serviço de países comunistas, tentem com atos criminosos atingir um país amigo.⁸⁸

O governo queria mostrar à sociedade que os dissidentes eram nocivos e desagregadores enquanto o país estava unido em torno do ideal de se engrandecer promovendo realizações consideráveis na área social, econômica e esportiva.

Em telegrama a Médici, o chefe da delegação brasileira, brigadeiro Jerônimo Bastos, deu tom da manipulação do episódio, procurando mostrar que os perpetradores do “ato desumano” eram diferentes do “grande povo brasileiro”. O território entre o “Brasil bom” e o “Brasil ruim” estava perfeitamente demarcado. Na mesma Primeira página que registrava a chegada a Argélia dos militantes esquerdistas soltos e banidos do País em troca da vida do embaixador alemão, a Folha dizia que o goleiro Félix, titular da seleção estava com saudades do Brasil.⁸⁹

Impossível que passe despercebida a marchinha que embalou o país durante a copa.

“Noventa milhões em ação/ pra frente Brasil/ Salve a seleção!/ De repente aquela corrente pra frente/ Parece que todo o Brasil deu as mãos/ Todos ligados na mesma emoção/ Tudo é um só coração!/ Todos juntos, vamos!/ Pra frente Brasil, Brasil/ Salve a seleção!”.

A marchinha resumia perfeitamente o espírito e o projeto do governo. Teve sua autoria atribuída, diversas vezes, a Médici, porém o presidente foi no máximo um contribuinte. O autor da letra foi Miguel Gustavo, compositor de grandes ‘jingles’ publicitários da época. Sua criação se deu a partir de uma frase dita pelo presidente durante um jogo no Maracanã e foi vencedora de um concurso promovido por patrocinadores da copa. O ritmo agregava vários preceitos do governo, o sentimento de unidade (todos juntos, vamos), divergências caem em prol de um objetivo em comum (parece que todo Brasil deu a mão), o sentimento maior pelo país e por quem o representava (tudo é um só coração), e o progresso (pra frente, Brasil).

⁸⁸ Veja, 17 de junho 1970 ed.93 Disponível em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> acessado em 09/04/2013

⁸⁹ GUTTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009, pp 178

A final da copa se aproximava e foi nesse ritmo exaltado que a seleção seguiu para enfrentar a Itália. Não se admitia a derrota dentro do governo. Vencer era uma determinação do governo. A seleção deveria seguir os prognósticos no presidente e já se preparava a festa para recepção dos jogadores e da comissão. Não se cogitava a hipótese da derrota. E nesse clima o Brasil sagrou-se campeão por 4 a 1 numa final disputadíssima contra Itália. Foi um momento de êxtase no país que agora era tricampeão do mundo.

Essa vitória transcendia qualquer significado esportivo, ultrapassava as quatro linhas e transmitia um sentimento que movia todo um país. Os jogadores receberam do presidente um cheque de 25mil cruzeiros⁹⁰. Uma atitude irregular que não foi em momento algum indagada ao contrario do presente dado por Paulo Maluf, então prefeito de São Paulo, que respondeu a um processo por dar a cada um dos jogadores do time tricampeão, à custa dos cofres públicos, um Fusca⁹¹.

Informações dão conta de que os jogadores tentaram usufruir dos benefícios que estavam lhes oferecendo. A época surgiu a notícia de que Carlos Alberto intermediou um pedido a Médici para que os jogadores fossem livrados dos impostos sobre os ganhos. Não se sabe se os pedidos foram atendidos. Mas com essas informações, podemos supor que havia certa intimidade entre o futebol e o presidente.

A busca pela “integração nacional” foi potencializada com o fenômeno do futebol. Visto anteriormente durante o governo Vargas, o fenômeno ganhou força e se afirmou durante a copa de 1970. Esse fenômeno não demorou a ser percebido e para que o governo pudesse usá-lo a seu favor. Já em 1969, no governo de Costa e Silva, foi criada a Loteria Esportiva. Os jogos englobavam todos os estados, o que fazia com que os apostadores se interessassem por jogos por todo o território nacional. Logo intimaram a CBD a criar um campeonato nacional, fato que se consolidou em 1971, após a copa. O campeonato nacional viria a substituir o existente, conhecido como Robertão, Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que começou em 1967 com times do RJ, SP, MG PR, RS e só em 1968, quando obrigados incluíram um time da BA e um de PE.

⁹⁰ Em 1º de Maio de 1970, o Jornal Estado de São Paulo publicou que o presidente Médici havia fixado novo salário mínimo NCr\$ 187,20 para a Guanabara e o Estado de São Paulo.

⁹¹ Carro avaliado em NCr\$ 17.452. Informação Revista Guia Quatro Rodas Ed. Jan.1970 Disponível em <http://quatrorodas.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> acessado em 11/04/2013

O Campeonato Brasileiro, conhecido como Brasileirão foi se afirmando como um projeto condicionado aos projetos do governo. A multiplicação dos times participantes exemplifica essa interferência do governo. Em 1971 jogaram apenas 20 times, em 1975 já eram 42, em 1977, 62 times estiveram na disputa e 1979 chegou-se a absurdo número de 94 times. Permitiu-se que times pequenos, sem nenhum apelo participassem do campeonato. Não se sabe se por vontade do Almirante Heleno Nunes, presidente da CBD ou por manifestação popular. O campeonato foi sem dúvida um exemplo de expansionismo do regime e manteve-se sob o discurso de integração nacional adotado pelo governo ainda que ditadura estivesse em processo de decadência. Um conhecido bordão era: “*onde a Arena vai mal, mais um time no Nacional*”⁹²

Um grande evento causou grandes modificações na época. A transmissão ao vivo de uma copa do mundo impulsionou essa ‘corrente pra frente’ no Brasil e facilitou o projeto de integração e de unidade nacional. Fernando Pedreira expressa tal impacto em seu artigo para Estado de São Paulo:

Mas o campeonato mundial de 1970 deve ficar como um marco importante ainda por um outro motivo. A febre futebolística dos brasileiros é secular. Nenhum outro campeonato anterior, entretanto, terá atingido o que este atingiu em matéria de atenção e participação pública. E a razão disso é a transmissão ao vivo, via satélite [...] Não deixa de ser significativo que o Brasil entre assim na era da comunicação eletrônica pelo caminho do futebol. O que está na Copa está nos dando em termos de participação coletiva e de vibração popular é fruto, em boa parte, dos milagres da técnica moderna. O que experimentamos agora é uma espécie de ante-sala do mundo contemporâneo [...] O que nos dão as transmissões do México é uma dimensão nova da realidade, na escala própria da era eletrônica. Os fatos podem ser os mesmos, mas a consciência que temos deles é outra e outra é a reação coletiva. Jogamos cada um dos jogos no México à medida que vão sendo disputados. Somos milhões de participantes testemunhas que antes chegavam apenas como notícias.⁹³

A TV potencializou as ações do governo, que passou a contar com um instrumento para maior alcance social. A expansão de um projeto de governo, o caráter nacional tomou conta de todo o país e reforçou a construção que o regime militar visava passar para sociedade civil. Torcedores de todo o país torciam juntos ao receber as mesmas imagens via satélite. Era como se todos estivessem dentro de um mesmo

⁹² KLEIN, 2001 apud GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto. 2009

⁹³ O Estado de São Paulo, 21 de junho de 1970, pp.4 acessado em <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19700621-29203-nac-0004-999-4-not> dia 09/04/2013

estádio, torcendo junto. O futebol era capaz de produzir essa relação de proximidade entre pessoas que se encontravam em extremidades e que jamais haviam se visto. A TV elevou essa possibilidade. A transmissão ao vivo era uma grande novidade, portanto, impossível dimensionar a emoção que cada brasileiro sentiu naquele momento. E o governo, com seu aparelho estatal e propagandístico, soube aproveitar bem da situação. A AERP divulgou na TV, em março de 1970, um comercial que mostrava um gol de Tostão pela seleção brasileira, onde se dizia que o futebol e a vida eram equivalentes: “o sucesso de todos depende da participação de cada um”.⁹⁴

A seleção mostrou-se eficiente no cumprimento dos projetos do governo. A imprensa conservadora por meio de Fernando Pedreira, no jornal O Estado de São Paulo, expressou a ideia de que a vitória no México viria a provar que, com disciplina, o talento brasileiro ficava ainda mais em evidência.

Mais do que em qualquer outro país, o futebol é, entre nós, uma profunda paixão nacional. [...] já não somos apenas o país do carnaval, de que falava Jorge Amado há 30 ou 40 anos. Somos o país do futebol, o que é certamente um progresso. [...] a seleção brasileira de futebol mostrou ser a mais bem treinada e amparada, a que dispunha de melhor preparo físico e tão disciplinada e consciente de seus deveres quanto as que mais o fossem. Preservamos as qualidades brasileiras, mas livramo-nos de alguns defeitos que pareciam características inalienáveis da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a indisciplina, o individualismo. País do carnaval? Nem tanto. Com um pouco de sorte, uma Copa do mundo pode ser ganha na base da improvisação e virtuosismo. Mas, para jogá-la como jogamos, é preciso que a nação tenha chegado a um grau de maturidade e seriedade-e até riqueza material-que o Brasil talvez tenha atingido.⁹⁵

A disciplina que se fala que a seleção teve para alcançar a conquista do tricampeonato sempre foi uma característica exaltada durante o governo militar que afirmou só assim conseguir por o país nos trilhos. O próprio preparador físico da seleção, Admildo Chirol, afirmou que não foi a técnica ou tática que levou o time a conquista, mas sim o comportamento, a disciplina seguida com respeito e seriedade.⁹⁶

⁹⁴ FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997. pp.103

⁹⁵ O Estado de São Paulo, 21 de junho de 1970, pp.4 <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19700621-29203-nac-0004-999-4-not> dia 09/04/2013

⁹⁶ O Estado de São Paulo, 24 de junho de 1970, pp.16 acessado em <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19700624-29205-nac-0016-999-16-not> dia 09/04/2013

Havia um desejo de militarização na própria comissão técnica. Por isso, o chefe da delegação era o major-brigadeiro Jerônimo Bastos. Dentre outros cargos de chefia estavam ainda o major Roberto Camara Lima Ipiranga dos Guaranys, o capitão Claudio Coutinho, o tenente Raul Carlesso e o capitão Kleber Camerino⁹⁷. Esse perfil militar se perpetuaria e fortaleceria nas copas seguintes. A disciplina era passada e exaltada como uma característica exemplar. Sem ela, o triunfo seria improvável. Essa era a mensagem que o regime militar explorava e passava incessantemente pra toda a sociedade.

No discurso após a conquista da copa, uma cena consagrada, segurando a taca Jules Rimet e enrolado em uma bandeira do Brasil ao lado dos campeões, o presidente Médici deixou claro:

E identifico na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios que nos devemos amar para própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso de nossa seleção de futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência, da bravura, da confiança e da humanidade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas 'e preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alem que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. Neste momento de vitória, trago ao povo minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável seleção de futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro.⁹⁸

A conquista da copa de 1970 veio para coroar os projetos de Médici. As eleições para o congresso se aproximavam e a sociedade ainda em êxtase com o tricampeonato apoiaria a ditadura demonstrando à crítica, principalmente exterior, que o país vivia em clima de liberdade. Confiantes mas não querendo arriscar, o regime fechou o cerco contra a oposição. Intimidou, mudou regras eleitorais, fez mais prisões e perseguiu os dissidentes que pudessem se levantar ou criticar o governo. Médici estava apoiado numa popularidade estrondosa. A luta armada estava fragilizada. A Arena venceu o MDB com certa vantagem, porém houve uma grande quantidade de votos em branco e abstenções que foram, no fim, votos encarados como protestos. Dessa forma,

⁹⁷ BBC Brasil Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020326_copa70.shtml acessado em 10/04/2013

⁹⁸ Folha de São Paulo, 22 de junho de 1970, capa. Acessado em <http://acervo.folha.com.br/fsp/1970/06/22/2/> dia 09/04/2013

Médici pode dar continuidade a seu projeto nacional-desenvolvimentista e a seus planos para seleção.

Em A memória da copa de 1970, os autores apontam que a copa de 70 ocupa um lugar da memória onde se fincam as bases da identidade mitificada do futebol brasileiro. Nesse sentido, a mídia teve um papel fundamental. No texto, os autores indicam que os jornais são entendidos como guardiões da memória. Porém, atentam para que se observe que não pode se afirmar que há uma neutralidade/imparcialidade nas narrativas. Apenas de alimentar os leitores. Não descrevem objetivamente a ‘verdade’. Seleccionam, classificam e narram o ocorrido de acordo com interesses do próprio jornal e do público consumidor. *O tratamento dado à memória da Copa de 1970, nos jornais, se relaciona com as demandas identitárias do presente*⁹⁹.

2.2 Segundo tempo: o pós-copa do mundo. Os efeitos do título e o caminho percorrido até a copa de 1974

O governo deu continuidade a seu projeto nacional-desenvolvimentista e fez com que a dívida externa crescesse 90% entre 1971 e 1974 e aumentou a concentração de renda no país. Enquanto a participação dos ricos na renda total do país aumentava, a dos pobres encolhia. A ideia do ministro de fazer o bolo crescer pra depois dividi-lo não era uma unanimidade. Podia se perceber a sensação de bem estar por conta do crescimento da taxa de emprego.

Em 1972, apesar da proximidade da vitória de Médici nas eleições passadas, já se podia ver a especulação para sucessão eleitoral. Cogitou-se até a postergação do mandato visto a popularidade do governo e a aceitação de que o desenvolvimento do Brasil estava atrelado à forma de governo ditatorial. Médici foi o primeiro presidente a controlar sua sucessão, escolhendo posteriormente entregar o cargo ao General Ernesto Geisel, então presidente da Petrobras.

Ernesto Geisel era irmão de Orlando Geisel, general e ministro do Exército, um dos nomes mais prováveis para sucessão, impedido por sua saúde. Era adepto as ideias

⁹⁹ SOARES, Antonio Jorge Gonçalves, SALVADOR, Marco Antonio Santoro. Ed. 1. Autores Associados. 2009

de Castello Branco, grupo que estava se articulando para voltar ao poder com objetivo de conduzir a transição para o regime democrático, de modo “lento, gradual e seguro”. João Baptista de Oliveira Figueiredo, chefe do SNI, seria um nome de grande importância no processo. E viria mais tarde a suceder Geisel.

O Brasil vivia um período um tanto conturbado, em meio ao “choque do petróleo”, com os preços do barril subindo exorbitantemente e a importação da maior parte do que era consumido no país. O Brasil precisava escolher entre reduzir drasticamente a taxa de crescimento do PIB ou manter o crescimento do endividamento externo para manter a expansão na escala que estava. Ao escolher a segunda opção o país pretendia arcar com os custos do seu crescimento econômico alavancado.

Ernesto Geisel seria eleito em janeiro de 1974, com uma proposta de abertura sem comprometimento da economia, ignorando a oposição que apontava a farsa da ‘democracia’ no regime militar e a concentração de renda, o efeito perverso que o ‘milagre econômico’ omitia. Geisel, para possibilitar a abertura, tinha planos para gradualmente acabar com o problema. Seus planos foram frustrados, pois a linha dura boicotou seu projeto de transição. A hierarquia das forças havia sido modificada. A ditadura deu poderes e regalias a patentes inferiores e a abertura colocaria freios nessas regalias, que desagradavam os generais. O período de governo Geisel começava rodeado por incertezas e pressões. Anos depois, o próprio Médici confidenciou a Figueiredo que entregou a Geisel um ‘rabo de foguete’.

O país preparava-se para ir à Alemanha disputar mais uma copa do mundo e a formação do time deu continuidade à militarização já iniciada em 1970. A exploração do evento e das conquistas se tornou algo quase oficial.

Os grandes clubes tinham uma situação financeira dramática. O Santos, talvez o mais endividado deles devido à má administração, usou a imagem de Pelé para galgar a recuperação e chegou a cobrar mais do que a seleção por um amistoso no exterior. O time engrenou em um ritmo louco de amistosos pelos 5 continentes e, ao fim, acabou recorrendo a Médici. O presidente, como um fanático por futebol e sabendo da importância do esporte para os brasileiros, não se omitia nessas questões. Como o Santos, outros times podem ter recorrido a figura do presidente para tentar se salvar e isso estreitou os laços de reciprocidade entre a política da ditadura e os times de futebol.

Feito por encomenda do governo Médici, minicopa ou Taca da Independência, assim foi chamado o torneio promovido pela CBD, em 1972, para comemoração dos 150 anos da independência do Brasil. O presidente, por vezes desfilou em meio às festividades dos jogos para aumentar a popularidade e a legitimar sua forma de governar. Os jogos foram disputados em diversos pontos do Brasil para mostrar tamanha expansão do país. O público podia acompanhar tudo contando com cobertura de todo o evento pela TV.

O time acabou por vencer o torneio, mas a boa relação com a crítica e a torcida estava por terminar. Zagallo, agora com poderes para montar a seleção, se mantinha como técnico. Geisel, não gostava de futebol e Zagallo também não mostrou apreço ao escalar o time que mal honrava o nome. A seleção tinha a mesma base. O grande desfalque era Pele, que apesar dos pedidos do governo, não atuou no torneio, pois havia se aposentado em junho de 1971, despedindo-se em um Maracanã com 138mil torcedores fazendo coro para que ficasse. Tostão e Gerson também não mais faziam parte do time.

Na teoria, a seleção escalada para jogar a copa da Alemanha era muito boa. Contando com o goleiro Leão, o zagueiro Luis Pereira, o meia Ademir da Guia e o atacante Leivinha, a base do Palmeiras na época bicampeão brasileiro (1972-1973). Mantinha-se Rivelino, Paulo Cesar Caju, Piazza e Jairzinho. O time, porém, não era organizado e não inspirava confiança. Fez uma campanha pela Europa em 1973 e não empolgou o torcedor. Ainda perdeu uma invencibilidade de 36 jogos.

A situação entre os jogadores e a imprensa estava no limite quando em um jogo contra a Escócia, os jogadores resolveram fazer um manifesto em forma de silêncio, conhecido como “manifesto de Glasgow”. Toda a imprensa brasileira estava avisada de que ninguém da seleção falaria ou concederia entrevistas. A CBD pressionou muito e o movimento não teve forças para se manter durante muito tempo.

A seleção, após uma serie de exhibições ruins, chegou à Alemanha com um time que não mostrou sua cara. A situação ficaria ainda mais tensa após o empate na estreia com a Iugoslávia. A seleção estava perdida, jogava um futebol irreconhecível, um jogo truncado que em nada se assemelhava com a técnica fantástica dos jogadores brasileiros. Zagallo encarou o empate como bom resultado e avaliou que se conseguisse

outro no jogo seguinte também estaria bom. A revista Veja publicou sobre o jogo desastroso:

O irresponsável aglomerado de particulares que não se sabe bem por que usavam todos o mesmo uniforme amarelo no Waldstadion pode até, de zero em zero, continuar sua cambaleante trilha em direção a fina; de qualquer forma, no meio desse caminho alguma coisa se perdeu. A não ser que os jogadores resolvam mandar ao diabo as ordens do técnico e sua comissão, e decidam finalmente por em prática o esporte bretão tal como o povo o concebe.¹⁰⁰

Os jogadores mantiveram a postura e empataram o jogo contra a Escócia. Eram notórios os maus resultados, visto que a seleção jamais ficara dois jogos seguidos sem marcar em uma copa do mundo. A confiança do técnico já esbarrava na hostilidade dos torcedores no Brasil. Havia uma marchinha a espera de Zagallo quando a seleção voltasse ao Brasil: “Todo mundo de espingarda na mão / esperando o Zagallo descer do avião...”.

Com os resultados obtidos, o Brasil necessitava de uma vitória por três gols contra o modesto time do Zaire. Assim superaria a Escócia no quadro e se classificaria para seguir em frente na competição. A necessidade de arrancar uma vitória por 3 gols do Zaire já era por si só uma vergonha para os brasileiros. Maior humilhação aconteceu quando se pode ver o sofrimento do time brasileiro contra os africanos. Somente aos 39 minutos do segundo tempo obteve-se o placar necessário. O time do Zaire já havia sido goleado pela Iugoslávia por 9 a 0 na competição.

O Brasil seguia para as quartas de final da copa. Caiu na chave mais temida, composta por Alemanha Oriental, Holanda e Argentina. A Holanda, conhecida como “Laranja Mecânica”, ostentava um favoritismo ao título e tinha apresentado ao mundo o seu “carrossel”, tática altamente inovadora do técnico Rinus Michels, onde todos os jogadores defendiam e atacavam, tendo como referência Cruyff, algo jamais repetido em nenhum time. O Brasil conseguiu dois resultados favoráveis. Bateu a Alemanha (1 a 0) e a Argentina (2 a 1) e disputaria com a Holanda a vaga na final.

A Holanda tinha um saldo de gols favorável e jogaria com certa vantagem pelo empate, algo que Zagallo tratou como irrelevante. O técnico brasileiro subestimou o

¹⁰⁰ “Em jogo, o ritual do futebol”, em Veja 19 de junho de 1974, Ed. 302. acessado em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> dia 09/04/2013

time que vinha apresentando um novo jeito de jogar futebol. Na véspera do jogo, Zagallo chegou a dizer que desconhecia o “carrossel” e que a Holanda era muito “tico-tico no fubá” e pouco futebol, “que nem o América dos anos 50”.¹⁰¹ Zagallo estava confiante em seu planejamento, talvez o título de tricampeão do mundo lhe trouxesse essa confiança, que nenhum brasileiro conseguiu alcançar com aquele time jogando o mundial de 1974.

O dia tinha chegado. O Brasil, time montado para empatar, que renunciou as tradições do futebol brasileiro, até tinha começado bem o jogo. Porém não demorou a ser completamente envolvido, preso pelo carrossel. Aos 15 minutos do segundo tempo o jogo estava resolvido em 2 a 0 para os holandeses e o Brasil deveria quase que agradecendo por não voltar pra casa com uma goleada memorável. No último jogo, a disputa pelo terceiro lugar contra a Polônia o Brasil também perdeu. Zagallo, apático, ainda arrancou boas risadas dos jornalistas ao ser capaz de declarar que estava por cima, “a seleção brasileira é tricampeã do mundo”. A desclassificação revelou o que há tempos estava pra vir à tona. O time já não era mais o mesmo. Aquelas seleções de 1950 e 1960 já não eram mais vistas em campo. Apesar de todo o sentimento, fanatismo e ufanismo, em torno do futebol dos anos 1970, tudo apontava para um período de transição, de entressafra de craques, que levaria anos para ser superado. Portanto, podemos concluir que havia uma enorme discrepância entre o que se pregava de discurso do Brasil como potência dos campos e suas limitações, que coincidia com a situação política do Brasil.

Algo semelhante acontecia com o governo militar. O cenário ainda era estável, porém os números invejáveis de crescimento escondiam a fragilidade do regime com o endividamento externo e a pressão inflacionária. Restava cuidar da imagem, já pensando na história que contariam sobre os militares e seu tempo de governo no futuro.

Com o pensamento voltado para a transição da forma de governo, Geisel permitiu que a oposição fizesse uso da TV para expor sua propaganda de campanha para as eleições de 1974. O resultado acabou por alertar o governo, o MDB obteve 59% dos votos válidos no Senado nas eleições para renovação de 22 cadeiras. A Arena, na Câmara, ficou com 48%. A oposição foi bem nos grandes centros.

¹⁰¹ UOL especial Copa do Mundo acessado em esporte.uol.com.br/copa/2006/historia/1974/ acessado em 25/03/2013

Aos poucos, Geisel foi afrouxando as rédeas do regime. Um exemplo foi a suspensão da censura no jornal *O Estado de S. Paulo*. Porém, teve que lidar com um recrudescimento dos porões da ditadura, que neste momento já estava fora de controle do Planalto. Ao mesmo tempo em que se trabalhava para abertura, velhas praticas se mantinham. Em outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog, então diretor de jornalismo da TV cultura, foi assassinado após ser torturado pelo DOI-CODI paulista (Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) suspeito de ligações com o PCB. Os agentes tentaram simular um enforcamento, porém o cenário foi armado de forma grosseira e revoltou a população paulista que logo percebeu o que de fato havia ocorrido naquela ocasião. A classe média, os intelectuais, a Igreja Católica e demais membros da sociedade paulistana, indignados, promoveram um ato da Catedral da Sé repudiando a violência nas ações do governo e homenageando Herzog. Apesar das ameaças de retaliação do secretário de segurança pública de São Paulo, coronel Erasmo Dias, muitas pessoas compareceram e demonstraram sua insatisfação com os procedimentos do governo.

O processo de abertura proposto pelo governo Geisel não foi unanimidade e forças paralelas infiltradas na segurança de São Paulo fariam o possível para impedir o andamento do processo. O presidente não era a favor da política de tortura, por isso afastou Ednardo D'Ávila, comandante do II Exército que aprovava os agentes da repressão, e colocou em seu lugar o General Dilemando Gomes Monteiro, que impediu que a tortura continuasse no DOI-CODI.

Durante o movimento de abertura, as forças oposicionistas ganharam campo. Geisel, ao mesmo tempo em que tentava abrandar a ala radical dos militares, tinha que conter essa oposição. A derrota eleitoral, em 1974, não foi digerida pelo Planalto. Nas eleições de 1976 a oposição não contaria com as mesmas oportunidades. A propaganda seria novamente restrita na TV, com a “Lei Falcão”. Seria permitida apenas a foto e o número prejudicando os candidatos de oposição. Ainda assim a oposição repetiu a vitória. Grupos de direita foram surgindo, ligados a linha dura militar, fazendo uso de terrorismo, tendo como alvos os defensores da luta pela democracia. A Igreja Católica e a OAB compunham o grupo dos alvos desses atos.

Em 1977, apertando o cerco contra oposição, foi baixado o chamado “Pacote de Abril”, que fez surgir a figura do “senador biônico”, eleito de modo indireto e assim

impossibilitando o MDB de conseguir a maioria no Senado. As emendas constitucionais não necessitavam de maioria para serem aprovadas, bastava maioria simples, fazendo com que a Arena ressurgisse no cenário. Os votos dos eleitores do nordeste tiveram o peso alterado. Tinham peso superior, porém a mensagem da oposição não chegava com tanta força. O mandato do presidente foi alterado para seis anos e em 1978 todos os governadores seriam escolhidos de maneira indireta. Tudo isso aconteceu com o congresso de portas fechadas, em 1º de abril, com base no AI-5. Sendo assim, o processo eleitoral que ocorreria em 1978 estaria totalmente dominado por Geisel. Portanto, ao mesmo tempo em que tentava promover uma flexibilização, a abertura democrática, Geisel manteve sob sua custódia as rédeas de todos os processos da vida nacional. A influência na CBD (entidade privada que gerenciava o futebol) se mantinha. Enfim, em 1974, João Havelange foi eleito presidente da FIFA. A forma com a qual deixou a CBD no ano seguinte não foi bem clara e alguns dão conta de que estaria na mira do SNI. Seu substituto foi o almirante Heleno Nunes, então presidente da Arena no RJ. Foi durante seu comando que o campeonato teve uma quantidade exorbitante de clubes por motivos políticos como já apontado anteriormente.

Com a decadência dos clubes, a falta de craques de excelência e as dívidas, jornais já publicavam matérias alegando “o fim do futebol brasileiro”. Os times europeus já haviam alcançado a fase dos muitos recursos, atraindo muitos jogadores de outras nacionalidades, os melhores do mundo. Foi com esse cenário que Heleno Nunes nomeou Oswaldo Brandão para comandar a seleção durante as eliminatórias para 1978. Em 1976, 2 anos após a constrangedora volta pra casa antecipadamente da copa do mundo da Alemanha, em 1974, podia-se ver a estreia de um jogador diferenciado, que iria fazer história nos gramados, Arthur Antunes Coimbra, ou simplesmente Zico. Com qualidades que não eram poucas e um futebol que fazia lembrar os velhos tempos ele foi aclamado pelo público. Diante da falta de talentos, Zico surgiu como uma salvação, aquele que honraria novamente a tradição do futebol brasileiro. O menino franzino, do subúrbio, foi submetido a técnicas para evoluir. Entre 1969 e 1974, o menino cresceu 17 centímetros e ganhou 13 quilos. A crítica contra as tecnologias o chamou de “craque de laboratório”.

Brandão pediu demissão após o empate no primeiro jogo das eliminatórias em 1977, devido às críticas que vinha recebendo. O Brasil já não produzia jogadores para

que, com toque de bola, pudesse passar pela tática defensiva europeia. Claudio Coutinho, com apenas 38 anos rebateu as críticas por ser tão novo e assumiu a missão de vencer com uma seleção problemática. O técnico já contava com experiências nas copas de 1970 e 1974 e treinou o time olímpico que foi quarto lugar nas Olimpíadas de Munique 1976. O técnico classificou a seleção sem grandes dificuldades, mas optou por uma escalação duvidosa. Acreditava que para jogar na seleção teria que ser bom o suficiente para exercer mais de uma função. Fez escolhas ortodoxas como Chicão, um meia do SP no lugar do craque Falcão do Internacional.

Pra terminar o jogo

Conclusão: A questão da identificação do brasileiro por via do futebol e o orgulho de sua nacionalidade

“É possível concluir que o futebol é parte integrante da identidade nacional brasileira, de modo que qualquer coisa que se enuncie sobre o nosso futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil”.¹⁰²

A construção, representação e apresentação da identidade no Brasil pode ser analisada sob diversas perspectivas, uma delas é o futebol. Representante de peso visto que caiu no gosto popular e ganhou *status* de esporte que desperta paixão e interesse. Tendo assim um enorme potencial para uso comercial.

O futebol que a principio foi um esporte característico da elite viria posteriormente integrar e faria sua contribuição para o debate acerca da construção da identidade nacional diante da modernização pela qual o país passava durante o século XX. Diversos setores da sociedade se apropriaram do esporte e o tornou um espantoso fenômeno de massas. Com essa apropriação, foi permitido que o esporte integrasse indivíduos de classes mais populares e negros. Ainda que para o futebol e o sentimento que ele proporcionava não tivesse importância a cor ou classe segundo o jornalista Mario Filho. “*Nem branco, nem mulato, sem cor, acima dessas coisas*”¹⁰³, afirmou o escritor a respeito de Arthur Friedenreich, ou Fried, destaque no primeiro título internacional à seleção brasileira (deixando de ter raça).

Todo o país via-se integrado para torcer junto pelo mesmo time. O sentimento era como se todos estivessem dentro de um mesmo estádio. A proximidade conferida pelo futebol era capaz de unir pessoas que estivessem nas extremidades do país. Que não se conheciam. O orgulho pela vitória e a amargura das derrotas eram compartilhadas.

O futebol, que já teria sido utilizado como um instrumento pelo governo na era Vargas, se tornou algo que faria uma grata contribuição para a unidade nacional. O brasileiro incorporou o esporte na sua cultura. Pecenin agrega sobre a questão dessa incorporação quando mostra que até o linguajar futebolístico está presente no cotidiano.

¹⁰² PECENIN, Marcelo Fila. O grande contra o pequeno: discurso e identidade na crônica futebolística brasileira. In: Estudos Lingüísticos XXXV In: Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1237-1246, 2006. São Paulo, pp 2.

¹⁰³ FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Mauad: Rio de Janeiro, 2003

O brasileiro. “pisa na bola” quando erra, dá “olé” nos problemas e até “pendura as chuteiras”, e isso independe de cor, gênero ou classe.

As culturas nacionais não são apenas compostas por instituições. São símbolos, representações e todo um discurso de modo que construa um sentido e influencie as ações moldando uma identidade. Esse sentido vai fazer parte que um conjunto de memórias que o sujeito vai passar a associar com as imagens produzidas.¹⁰⁴

O esporte acompanhou as mudanças de contexto e se manteve inserido no cotidiano do país. Com o tempo, tornou-se mais que um jogo, transformou-se na forma de se “afirmar, se reconhecer brasileiro” através da seleção e do sentimento de torcedor.

A análise das relações diretas e indiretas do futebol com a política acontece devido ao fato do governo impulsionar o esporte diversas vezes para o uso de acordo com seus interesses e necessidades.

Durante os “anos de chumbo” o futebol foi visto como uma maneira dos homens se expressarem. Fossem os jogadores em campo ou a infinidade de brasileiros que torciam pelo país e “esqueciam” da realidade que viviam. A ação produzida pelo torcedor era uma maneira de extravasar suas paixões, vontades, alegrias, tristezas, felicidades, fidelidades, etc.

Essa aceitação e massificação do futebol pelos brasileiros já foi tema de estudo. E desde que se percebeu esta forma de ligação direta com a sociedade, o governo passou a interferir no/com o esporte para chegar às massas. O futebol passou a representar a força de seu país. O governo então interviu para que o comportamento em campo se assemelhasse ao modelo político. Um exemplo disso está no processo militarização da Seleção¹⁰⁵ devido ao fracasso em 1966. Os jogadores deveriam deixar toda a espontaneidade característica do futebol brasileiro para conseguir ordem e disciplina. Estavam sujeitos as repressões e assim como o cidadão brasileiro estava sob as amarras da ditadura.

O Brasil, que jogava para a plateia, viu-se obrigado a deixar o individualismo de lado para apostar na coletividade, na força física e no treinamento tático. Para jogar e

conseguir resultados contra o “carrossel holandês”, a “máquina húngara” e o “ferrolho soviético”, que jogavam com características que o aproximavam de um regime ditatorial.

Ainda que pareça contraditório, não se pode deixar de observar que foi no período político conturbado, entre 1960 e 1980, que o Brasil apresentou para o mundo times que são até os dias atuais considerados suas três melhores seleções. Duas delas trouxeram o título para o país. A seleção foi descoberta como um instrumento capaz de mobilizar a sociedade. Apesar do regime implantar mudanças consideráveis, aumentando a repressão e o arrojo salarial, o futebol parecia conferir a sensação de unidade e paz. O grupo que representava o Brasil deixava de ser apenas um time e ganhava o *status* de essência brasileira, expressando a força e gerando orgulho para sua pátria.

Em meio a manifestações contra o governo, em 1968, o presidente Costa e Silva criou a AERP (Agência Especial de Relações Públicas) cujo a principal função do órgão era cuidar para que se disseminasse uma imagem positiva do governo. Fazendo com que as tensões internas fossem amenizadas. O futebol foi considerado um agregador social, criava uma situação de harmonia a partir da consciência de coletivo.

O futebol teve sua relevância ainda aumentada, em 1969, já com General Médici, considerado líder de maior identificação com o esporte, foram feitas mudanças. Em 1970, houve a regulamentação para venda de passe dos jogadores e a criação da loteria esportiva importante ferramenta para arrecadação. A loteria viria a contribuir para todos se interessassem pelo ocorrido por todo o país.

Um fato relevante nesse processo para a copa de 1970 ocorreu em 1969, quando Saldanha era técnico da seleção fora substituído por Zagallo. Notícias apontam que isso ocorreu devido as suas escolhas políticas. A vitória na copa de 1970 veio para coroar essa relação íntima entre povo e o futebol e fortalecer a figura de Médici, porém foi encarada de forma complexa visto que a época, torcer para seleção parecia compactuar com o regime. Aquela seleção ainda viria a ser considerada a melhor de todos os tempos. Maior representante do futebol brasileiro.

A marchinha “*Pra frente Brasil*” já era ouvida nas rádios, na TV e nas festividades militares quando a seleção partiu rumo ao México para um período de

adaptação. A propaganda em torno da seleção associava êxitos ao governo assim como o desenvolvimento econômico e crescimento da nação. Um dos slogans do governo era: “*Até 1964 o Brasil era apenas o país do futuro. E então o futuro chegou*”. A relação tão próxima poderia ser vista no álbum de figurinhas da Copa. Na primeira página, uma imagem do próprio Médici. “*Era a Pátria de chuteiras e de boina militar*”

As conquistas abriram caminhos para novos investimentos no esporte. Em 1971 foi organizado o primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol com 20 clubes. Foi construído cerca de 30 estádios e o futebol foi cada vez mais sendo condicionado a projetos do governo. Com o objetivo expansionista, era cada vez maior o número de participantes no campeonato chegando a 94 em 1979.

Para a copa do mundo de 1974, não são vistos muitos estudos. Ainda assim, não se pode afirmar que é devido à frustração de um amargo sexto lugar que o Brasil trouxe pra casa depois de toda euforia de 1970. O time em campo parecia que continuava com a política de espelho do país. O Brasil sofria afetado pela crise do petróleo e a economia não ia bem com a inflação. Fazendo ruir a construção do governo com “milagre econômico”. O Brasil sucumbiu e a Holanda foi o grande destaque apresentando ao mundo um jeito de jogar futebol jamais visto antes.

De 1964 a 1985, os esportes foram influenciados pelos interesses militares. Os clubes aos poucos foram militarizando-se ainda que alguns jogadores apresentassem certa resistência. O futebol, principalmente, foi instrumentalizado para que sustentasse um projeto e influenciasse toda a sociedade na colaboração com a legitimidade dos grupos que encontravam-se no poder.

Não se pode apontar a sociedade e sua memória como uma construção alienada. Mas por tudo o que já fora exposto, não seria absurdo dizer que como um todo, o resultado de uma partida de futebol detém maior interesse e atenção do torcedor do que possíveis problemas que assolam seu país. O que não produz uma grande surpresa visto que temos índices tão baixos de *cidadania* e *conscientização política*.

O futebol se difundiu ao longo dos anos e garantiu seu espaço na vida do brasileiro. O esporte combina fatores e simbologias o que nos permite uma grande diversificação na hora de adentrar seu universo para constituí-lo como objeto de estudo.

Ao analisar o Brasil sob a perspectiva do esporte, pode-se concluir que ao longo dos anos, o futebol foi utilizado como forte componente explorado pela mídia e pelo governo. Sendo apontado como “*ópio do povo*”. O governo se apresentava com uma faceta tendenciosa, buscando ‘desviar’ o olhar de todo o grupo social.

Vertentes que estudaram o fenômeno do futebol no decorrer dos anos convergem em um fato: o esporte foi um grande vencedor de barreiras, diluindo as diferenças de classes sociais, cor ou qualquer outra origem. Fez com que o brasileiro pudesse quebrar a hierarquia cotidiana. Durante uma copa do mundo, os efeitos potencializam-se, pois há a questão do nacionalismo e patriotismo, algo muito útil aos governos militares. O futebol serviu “como instrumento de integração social” e fez com que a totalidade e unidade estivessem caminhando juntos. Há ainda nessa convergência de vertentes a linha que afirma o futebol como o “*ópio do povo*”, pois na medida em que seu time ganha, leva alegria e acalma o trabalhador que mistifica a realidade. Assim, a diluição das classes é vista como um aliado das elites e um fator alienante das massas. Essa visão maniqueísta acaba vedando os olhos para outros processos/fatores sociais que deveriam ser considerados para chegar-se a uma conclusão que se possa adequar melhor ao contexto.

Como já abordado anteriormente, para a esquerda, o futebol seria um “aparelho ideológico do Estado”. Essa foi uma leitura feita por Roberto Ramos, um dos autores que analisam diretamente o fenômeno da copa de 1970 e o governo Médici. A festa pelo tricampeonato no México foi um artifício do regime para encobrir toda a rotina de repressão que impunha. Isso nos limita ao contexto do dominado/manipulado e dominante/manipulador, sem permitir considerar um meio termo. Grande dúvida pairava sobre a esquerda, comemorar o tri seria ou não compactuar com a opressão do regime?

Não havia como deixar de vibrar, com os olhos pregados no vídeo, admirando a seleção iniciada por Saldanha e comandada na copa por Zagallo. O brasileiro conseguia se ver como uma potência. Seu futebol era o melhor do mundo e reconhecido por ele. O governo somente se aproveitou da ocasião e fez com que sua campanha de autopromoção pudesse chegar ao maior numero de pessoas possíveis. O caneco que a seleção trazia pra casa, pertencia ao governo.

Ainda que a esquerda exaltasse a versão do manipulado e manipulador, alguns membros olhavam para a necessidade de analisar outros fatores. Enquanto uns apontam para a manipulação, outros acreditam que não há mal algum na interferência política no futebol, porém creem que nada segura o governo além dos tanques então o futebol seria incapaz de promover tal façanha.

O futebol encarou diversas modificações ao longo do tempo. Tais mudanças não ocorreram apenas por imposição governamental. O futebol mudou para acompanhar a evolução de toda uma sociedade. Os meios de comunicação foram importantes mecanismos para levar a mudança. Assim como a intervenção fiscal e administrativa do regime.

Ao estudar o fenômeno do futebol e sua relação com o brasileiro, conclui-se que argumentos surgirão para defender que o esporte esteve em função do governo, isto é, foi um mecanismo de controle social assim como, pode ser encarado como um elemento aproximador, que vai além de qualquer diferença social. Um fenômeno que faz com que a unidade se faça presente como uma força redutora de hostilidades, encorajada pelo orgulho nacional.

Bibliografia

ADORNO, T. *A Indústria Cultural*. São Paulo: Ática, 1977. (Grandes Cientistas Sociais).

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares e SORJ, Bernardo (orgs) in *Sociedade Política no Brasil Pós-64*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro. 2008

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

Arquidiocese de São Paulo. *Brasil Nunca Mais*. 22. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1989.

CARDOSO, Fernando Henrique. *O modelo político Brasileiro e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COELHO, Eduardo. In: *Donos da Bola*, Língua Geral, Rio de Janeiro, 2006.

CRUZ, Sebastião C. Velasco e, MARTINS, Carlos Estevam. *De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da “abertura”*. In: SORJ, Bernardo, ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. (org): *Sociedade e política no Brasil pós-64*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

D'ARAÚJO, Maria, SOARES, Gláucio A. C., CASTRO, Celso. *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

DAMATTA, R. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006

DREIFUSS, René Armand, DULCI, Otávio Soares. "As Forças Armadas e a política". In: SORJ, Bernardo, ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. *Sociedade e política no Brasil pós-64*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984

DURHAM, E. *A dinâmica cultural na sociedade moderna*. Arte em revista, São Paulo: Kairós, n.3, 1980.

FICO, Carlos. Discurso ético-moral. In: *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pp. 109-113.

_____. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: *1964-2004: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência militar no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. pp. 71-79.

_____. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Mauad. Rio de Janeiro, 2003

- FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Vo1. 1. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.
- GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto. 2009
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAZARFELD, Paul F., MERTON, Robert K. *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1997.
- KFOURI, J. *Porque não desisto*. Disal, 2009
- MARX, ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MAURÍCIO, Ivan (org). *As Melhores Frases do futebol*. Rio de Janeiro: Ed.Garamond. 2003
- MÁXIMO, João. *João Saldanha: sobre as nuvens da fantasia*. Rio de Janeiro: Relume, 2005
- MÉDICI, Roberto Nogueira. *Médici, o depoimento*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.
- NETO, Araújo. (1962), *Drama e glória dos bicampeões*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor. 1962
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira* Cultura brasileira e identidade nacional. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense 1985.
- PECENIN, Marcelo Fila. O grande contra o pequeno: discurso e identidade na crônica futebolística brasileira. In: Estudos Linguísticos XXXV, São Paulo, 2003.
- POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e ditadura*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- REIS, Fábio Wanderley. *Os Partidos e o Regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Símbolo. 1978.
- SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1980
- SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto; ET AL (org.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2006.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, s/d.

WISNIK, J. M. *Veneno Remédio – O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Artigos e trabalho monográficos

CASTILHO, Marcelo Mendes. *Futebol, sociedade e política: Influência política na formação e desenvolvimento do futebol no Brasil*.

Disponível em http://www.universidadedofutebol.com.br/Files/pdf/mono_marcelo_usp_2.pdf em
acessado em 02/04/2013

GIL, Gilson in *O drama do "futebol-arte": o debate sobre a Seleção nos anos 70*. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_10.htm acessado em 02/04/2013

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "Província de Chuteiras"*. *Anos 90*: revista do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, n. 13, p. 21-50, julho de 2000.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6713/4020>) acessado em 12/04/2013

MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura militar e propaganda política: A Revista Manchete durante o governo Médici*.

Disponível em http://www.arqanalagoa.ufscar.br/tesesdisserta/Disserta_o_de_Mestrado_Ricardo_Constante_Martins.pdf Acessado em 27/03/2013

MENDES, Marcelo. *Futebol, sociedade e política: influencia política na formação e desenvolvimento do futebol no Brasil*.

Disponível em http://www.universidadedofutebol.com.br/Files/pdf/mono_marcelo_usp_2.pdf em
acessado em 13/04/2013

MORAES, Dênis de. *Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultura*

Disponível em ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12933/902/com_7_notas_sobre_o_imaginario_social_e_hegemonia_cultural.doc acessado em 02/04/2013

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *A Seleção Brasileira como propaganda do Governo. Getúlio em 1938 e os militares em 1970.*

Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R19-1189-1.pdf> acessado em 12/04/2013

MOYSÉS, Raquel. *Morrer de tanto rir.*

Disponível em <http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&sqi=2&ved=0CC4QFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fmotrivivencia%2Farticle%2Fdownload%2F5930%2F5442&ei=wzpnUcP0AoOC8ASk2oC4Bg&usg=AFQjCNH5ZmGVW7LS5XjcpGqWam2iVLmzFQ&bvm=bv.45107431,d.eWU> acessado em 02/04/2013

NAVES, Laura Maria in O Papel da Aerp na Construção da Identidade Nacional: Análise das Propagandas Políticas Durante o Governo Médici.

Disponível em <http://www.unicentro.br/redemc/2012/artigos/41.pdf> acessado em 12/04/2013

REVISTA Eletrônica de História do Brasil. Juiz de Fora: Arquivo Histórico da UFJF. Semestral. 1997, maio. V. 1

Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/81715492/REH-ufjf-voll> acessado em 09/04/2013

SOARES, Antonio Jorge G., BARTHOLO, Tiago L., SALVADOR, Marco S. *A imprensa e a memória do futebol brasileiro.*

Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v7n3/v7n3a11.pdf> acessado em 12/04/2013

Fontes primárias

Ato Institucional Número 1

Disponível em http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_2.htm acessado em 14/04/2013

Ato Institucional Número 2

Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-02-65.htm acessado em 02/04/2013

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php> Acessado em 12/04/2013

Jornal do Brasil

Disponível em <http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC> Acessado em 08/04/2013

O Estado de São Paulo

Disponível em <http://acervo.estadao.com.br> Acessado em 09/04/2013

Folha de São Paulo

Disponível em <http://acervo.folha.com.br> Acessado em 09/04/2013

Revista Placar

Disponível em <https://www.google.com.br/search?tbm=bks&hl=pt-BR&q=Placar+Magazine&btnG=> Acessado em 08/04/2013

Revista Veja

Disponível em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acessado em 09/04/2013

Revista Quatro rodas

Disponível em <http://quatrorodas.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acessado em 11/04/2013